

# A Defeza Nacional

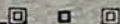
REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

ANNO III

Rio de Janeiro, 10 de Dezembro de 1915

Nº 27

Grupo mantenedor: Bertholdo Klinger, Pompeu Cavalcanti, Maciel da Costa, (redactores); Estevão Leitão de Carvalho, Joaquim de Souza Reis, Francisco de Paula Cidade, Lima e Silva, Mario Clementino, Parga Rodrigues, Jorge Pinheiro, Euclides Figueiredo, Taborda, Amaro Villa Nova.



## SUMMARIO

### EDITORIAL

Pela campanha nacionalista

### PARTE JORNALISTICA

O voluntariado não basta.....	1º Tte E. Leitão de Carvº
O 7 de Setembro de 1922.....	1º Tte Castro Ayres
Serviço militar obrigatorio.....	1º Tte Alves Tavora
Comparação dos effeitos do fogo.	2º Tte Newton Cavalcanti
Questões para a minha arma.....	2º Tte Mario Travassos
Escola de applicação para officiaes superiores — Diversas cartas....	Brazilio Taborda
Considerações administrativas....	Cap. int. A. L. de Carvalho
Questões á margem.....	1º Tte B. Klinger
Tendas abrigo.....	Capitães: M. Pontes, L. Costa e Souza Castro
Serviço de saude em campanha..	Cap. Dr. P. de A. Pessoa de Mello
Fuzil Mauser M. 1908.....	Cap. L. P. M. de Andrade

### NOTICIARIO

Cavallo de guerra — Relatorio da columna do sul —  
Censura severa, prisão correccional e cancellamento — Socie-  
dade Hippica Brasileira — Livros recebidos — Expediente.



# A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: BERTHOLDO KLINGER, POMPEU CAVALCANTI e MACIEL DA COSTA

N.º 27

Rio de Janeiro, 10 de Dezembro de 1915

Anno III

## EDITORIAL

Pela campanha nacionalista

**N**A discussão dos varios problemas moraes e politicos que ora se agitam em nosso paiz, o que mais impressiona é a confissão de desanimo que logo se apodera daquelles que, ao primeiro gesto, parecem delinear a construcção de uma immensa Babylonia.

Já um illustre professor da sciencia juridica teve a proposito da campanha do Sorteio, esta phrase caracteristica e *tranquillizadora*, pronunciada n'um piscar de olhos significativo deante de seus discipulos assustados:

“... o caso, ficae certos, não vae além desse noticiario da imprensa.”

O velho professor era sincero e experimentado. Essa ducha de agua fria que isava extinguir o fogo sagrado da campanha de Bilac provinha da mesma fonte que a emolliente agua morna com que, dentro em breve, ia elle afeiçoar uma peção sem vigor:

“... eu vos incito a cultivar o espirito de justiça constantemente e com vontade de fazel-o, a amar o direito, a divindade do futuro, e permitti que, ao terminar, eu vos faça um pedido: Amigos, vinde commigo, vamos! nada de temores, alistae-vos ao meu lado nos exercitos da paz que são os da civilisação.”

E' cedo, em todo o caso, para que os adiantados pioneiros, generaes da civilisação, possam prelibar o sabor de suas curiosas prophecias.

Ha uma necessidade moral que nos leva a acreditar esteja o povo brasileiro, em data não mui remota, inteiramente de posse de sua eclipsada lucidez.

Nessa bemdita cruzada nacionalista para a qual se augurou a vida ephemera dos jornaes, ha nomes tão respeitaveis e tantos espiritos de escól que, sinceramente, não cremos tragam só desillusões.

Si o genio de Von der Goltz organizou grupos de exercitos e definio nacionalidades ao eloquente appello technico de sua **Nação Armada**, aos nossos grandes poetas e intellectuaes de valor cumpre, antes de tudo, desassombrar a alma nacional.

Ouvi então, ó afoitos visionarios, o que vos dirá um poeta:

“Ser lavrador antes de ser soldado é plantar para o inimigo.”

Ouvi desde já, ó impassiveis e ingenuos compatriotas, esta desoladora revelação: “No coração do Brazil já pulsam terras argentinas.”

\*\*\*

Não se fez para nós o desanimo nem a pusillanidade. Somos modestos, sem duvida, mas essencialmente verdadeiros. Quando mesmo o Presente nos diminúa e anniquille, *A Defeza Nacional* perdurará como um protesto de officiaes do Exercito em face de tanta insania.



Uma medida de aperfeiçoamento impõe-nos a rude franqueza e o maximo desprendimento. E' positivamente preciso que não mintamos á Nação e fiquemos á prova do exigido sacrificio.

Confessar as proprias faltas, procurar corrigil-as, esforçar-se por evital-as, não fugir ás responsabilidades é um programma que temos como altamente edificante e effizantemente moralizador.

Pugnemos sempre pela dignidade e compostura dos cargos que exercemos.

Sem isso as forças armadas serão cúmplices no seu proprio esphacelamento e o mais leve incidente poder-se-á transformar em facto da maior gravidade.

\*\*\*

Ajudemos então a nobre cruzada nacionalista. Seja o Exercito o primeiro a alistar-se em suas hostes, visando, antes de tudo, ser um Exercito de verdade.

Saiba, porém, a Nação que o **voluntariado não basta.**

E saibam, Exercito e Nação, tirar as justas consequencias.

## O voluntariado não basta

Nosso presado companheiro Leitão de Carvalho publicou no *Imparcial* de 17 de Novembro um excellente artigo, sob o titulo «O serviço militar obrigatorio», do qual com a devida venia transcrevemos os trechos seguintes :

«O nosso Exercito, quando as unidades que o constituem estiverem todas organizadas, terá um effectivo approximado de 34.000 homens. Mas no anno corrente, e, certamente, no anno futuro, as dotações orçamentarias só fornecem recursos para a manutenção de 18.000.

Muitos dos corpos de tropa ficaram, em consequencia, reduzidos aos quadros dos officiaes, na impossibilidade de se lhes attribuir effectivo em praças.

Se considerarmos que o serviço sob as bandeiras é entre nós de dois annos para todas as armas, é facil concluir que o contingente dos que completam o tempo por que se alistaram, corresponde annualmente á metade do effectivo do Exercito : 9.000 no corrente anno, 17.000 quando todas as unidades estiverem organizadas.

E', portanto, com o numero de vagas que

oscilla entre esses dois limites extremos que devemos contar annualmente para refazer as fileiras do Exercito.

Ora, se a incorporação dos voluntarios se tivesse realizado em um só dia, em todos os corpos de tropa, a exclusão dos homens já instruidos dar-se-ia tambem em epocha fixa, de fôrma que o exercito activo reintegraria annualmente, de uma só vez, na sociedade civil um contingente de 9.000 homens aptos para o manejo das armas. Robustecidos pela gymnastica, educados no culto á bandeira e no devotamento á patria, elles seriam incluidos na reserva deixando logar para a incorporação de um novo contingente, que, depois de dois annos, iria augmentar ainda a reserva.

Eis em que consiste a função social do exercito permanente, nessa osmose com que continuamente recebe, prepara no mistér das armas e restitue á actividade civil a parte mais sã da mocidade nacional.

Mas, até agora, os factos se tem passado de maneira muito diversa. O voluntario com que preenchemos, ha duas décadas, os claros abertos nas fileiras do Exercito apresenta-se nas casernas em epocha incerta, no decorrer de todo o anno, fazendo-se a incorporação em quasi todos os dias.

Já uma vez tivemos occasião de assignalar os inconvenientes desse systema de recrutamento, mostrando que em um dos batalhões de caçadores desta capital, durante os dez primeiros mezes de 1913, foram incluidos 53 homens, nas epochas seguintes :

Referindo-nos a esses recrutas, trazidos para a caserna por necessidades pessoas, e que, pela irregularidade da incorporação, eram um impedimento á marcha normal do ensino, diziamos :

Esse contingente compõe-se, em sua quasi totalidade, de homens analphabetos e sem profissão; alguns dentre elles eram vadios creados sem paes, outros apresentam nos organismos rachiticos e depauperados todos os estigmas de uma infancia sem pão, passada á gandaia».

E querendo pôr em evidencia a insufficiente robustez physica desses voluntarios, citamos os onze mais fracos dentre elles, ou sejam 20,8 % do contingente, provindos de todos os Estados, dos quaes só um attingia a estatura média de homem. Só um dentre elles tinha a circumferencia do thorax de 0,82 e se achava acima do «mínimo» apresentado por de Quatrefages; em compensação, 10 em 11, ou 99,9 %, achavam-se abaixo desse mínimo, havendo um homem de 23 annos com a circumferencia thoraxica de 0,71.

Dentre esses 11 homens, 9 pesavam menos de 50 kilogrammas e havia 2 que pesavam menos de 44!

Eis a que está reduzido, como numero e qualidade, o voluntariado do Exercito, que se quer convencer a nação, numa tirada de «lyrismo militar», ser o bastante para com elle se organizar a reserva com que teremos de augmentar os effectivos na passagem do pé de paz para o de guerra!

E' verdade que o Congresso Nacional fixou duas épocas (janeiro e julho) para a incorporação de voluntarios, no corrente anno, mas essa medida, que seria de grande alcance se ficasse reduzida a uma epocha só, não poude produzir os resultados que eram de esperar, porque vinhamos



de um exercito de 23.000 para outro de 18.000, onde havia, portanto, 5.000 homens a mais dos recursos orçamentarios.

Por isso, só depois que, dia por dia, forem os actuaes soldados voluntarios completando seu tempo de serviço, se abrirão os claros para serem preenchidos pelos conscriptos trazidos á caserna pelo sorteio. Portanto só no fim do anno de 1916 — se não acceitarmos, até lá, novos voluntarios, nem consentirmos no engajamento e reengajamento dos que já servem nas fileiras — poderemos ver realizada essa aspiração republicana, de alto valor democratico, que é a generalização, entre o povo, do manejo das armas.

E para que não se nos intimide com os arcanos constitucionaes, é preciso fique desde já consignado que, da composição do contingente, não serão excluidos os voluntarios. Mas é preciso ter tambem presente que os voluntarios que vão concorrer com a mocidade brasileira que completa seus 21 annos de idade, não podem ser os actuaes, para cuja acceitação nem se fixaram datas, nem se impuzeram condições de ordem moral; e ás mesmas de ordem physica, estabelecidas em lei, fazia-se vista grossa, com receio de ficarmos com as caseiras desertas, se não aproveitássemos essa concorrência depurada por uma selecção invertida.

E' claro que o voluntariado tem de ser regulamentado (ao que não se oppõe a Constituição...) e que os candidatos ás vagas do Exercito só podem provir da classe que nesse anno tenha de ser incorporada.

Exemplifiquemos.

Admittindo para o Brasil uma população de 20 milhões de habitantes, a classe dos jovens de 21 annos, aptos para o serviço, não pôde ser inferior a 200.000. Mas, como já mostrámos, o Exercito só pôde receber annualmente de 9 a 17 mil, que serão tirados daquelle total por meio da sorte, como estabelece a lei do «sorteio». Os alistados restantes, constituindo a quasi totalidade da classe, terão de ser instruidos nas linhas, e incorporados ao Exercito durante um curto periodo, de duas a quatro semanas, para as manobras das grandes unidades.

Portanto, só de dentro da classe que tem de ser sortada para a incorporação, poderão sair os voluntarios. E isso por uma razão simples: para que o Exercito de campanha — que é o exercito activo com a sua reserva — seja composto de classes homogeneas, egualmente jovens, em que os homens offereçam o maximo da cohesão e resistencia.

E se a mesma classe tem de fornecer os sorteados e os voluntarios, é de toda vantagem, quer para o Exercito, quer para a Nação, que estes sejam os jovens mais capazes, os mais ardorosos e que tenham natural pendor para o serviço das armas.

Está, pois, evidente que, regulamentado o voluntariado, fixada a epocha de sua incorporação, a idade e outras condições a que elle deve satisfazer, poderão ser preenchidos os claros do Exercito com uma classe unica, em que se dê preferencia ao voluntario e se reservem as vagas restantes aos sorteados — tudo dentro da Constituição...

E esse voluntariado não entrava em nada a progressiva organização das reservas, porque provém da mesma classe dos sorteados, é incluído e excluído no mesmo dia que os conscriptos.

Mas, enquanto não entramos nesse regimen simples e efficaz, poderemos, já no proximo anno, incorporar em dia certo os voluntarios que satisfazam as condições, deixando os claros restantes para os sorteados, sejam embora em numero insignificante, e mesmo que não bastem para o completo effectivo do Exercito.

O que se impõe é que se sorteiem alguns e se faça a incorporação, porque assim entra em vigor a lei do serviço militar obrigatorio, de que o «sorteio» é apenas uma operação, ficando a classe alistada e não sorteada no dever de receber a instrução militar nas linhas de tiro.

Será, então, o inicio da organização das nossas reservas.»

## 0 7 de Setembro de 1922

Um choque electrico parece ter abalado a nossa Patria, despertando energias adormecidas. Diante da grandeza da terrível hecatombe que convulsiona o velho mundo, um sentimento de desasoscego e duvida e, porque não dizel-o, de serios receios pela nossa segurança e independencia, invade as camadas sociaes, todos sentindo a necessidade de estarmos aptos para a defesa da nossa integridade e existencia como nação independente.

O serviço militar obrigatorio, meio pratico e seguro de conseguirmos ser fortes e mantermos unido o nosso grande paiz, já encontra fóra das classes armadas, fortes e dignos defensores, nas pessoas dos illustres homens de Estado, Drs. Nilo Peçanha, Pandiá Calogeras e Miguel Calmon e no grande homem de letras Olavo Bilac.

Elabora-se no Congresso Nacional a reorganização da Guarda Nacional, passando-a para o Ministerio da Guerra e dando-lhe organização identica á do Exercito activo; é de prever pois, que em 1922 tenhamos organizadas 5 divisões da Guarda Nacional.

Esperamos que nesta epocha, o serviço militar obrigatorio em plena florescencia, nos tenha dado um bom numero de *reservistas* e que o regimen das massas nos tenha permittido acumular grandes *stocks de guerra*, portanto o nosso sonho presente, esboçado nas linhas que se seguem, tenha se materializado a 7 de Setembro de 1922, deslumbrando-nos com o seu brilho e dando ao estrangeiro a prova a mais positiva da nossa força e grandeza.

Nesse dia, em que teremos de comemorar o centenario da nossa indepen-



dencia, não é muito tudo o que fizemos para o fulgôr da data que mais cara nos deve ser. Assim pois, trabalhem para isto.

Idealizamos para 1922 uma mobilização total do nosso Exercito e sua concentração parcial na Capital Federal e a mobilização total da nossa Esquadra.

A' ordem de mobilização expedida a 1 de Setembro, seguir-se-á a de concentração na Capital Federal, de parte da 2.<sup>a</sup> Divisão de Exercito e do total das 3.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> Divisões, 4.<sup>a</sup> Brigada de Cavallaria e 3.<sup>a</sup> Divisão da Guarda Nacional com séde nesta Capital e a concentração em um ponto do Rio Grande do Sul, das 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> Brigadas de Cavallaria, para manobras em conjunto.

A 7 de Setembro uma grandiosa parada em uniforme de campanha se fará, com todas as forças concentradas, bem como uma imponente revista naval, seguindo-se as grandes manobras.

Com as tropas não concentradas se farão pequenas manobras de guarnição; no Rio Grande as Brigadas de Cavallaria resolverão um thema estrategico e nesta Capital, poderá o nosso Grande Estado Maior organizar uma grande manobra, em que parte do Exercito concentrado, com a nossa Esquadra e os elementos da Defesa do Porto, desenvolverá o thema do ataque e defesa da Capital Federal, sendo aquelle executado pela Esquadra com toda a 4.<sup>a</sup> Divisão embarcada em navios do Lloyd e esta pelos submersiveis, fortalezas e pelo restante das tropas concentradas.

Isto nos custará uns dois mil contos, o que não é muito, mas teremos dignamente commemorado o centenario da nossa Independencia, dando ao mesmo tempo uma exuberante prova da nossa grandeza e realiado um exercicio dos mais proveitosos e que nunca fizemos.

Ahi fica a idéa.

Novembro de 1915.

1.<sup>o</sup> tenente *Castro Ayres*

## Serviço Militar Obrigatorio

De uma conferencia realisada no 2.<sup>o</sup> R. I. pelo Tenente Alves Tavora.

Ainda repercute pelo paiz inteiro a voz clara, forte e commovida de Olavo Bilac, aos estudantes de S. Paulo. Essa repercussão era o desejo e a fé do principe dos nossos poetas, quando, confiando as suas palavras aos ouvidos e ás almas

dos moços das faculdades paulistas, quiz que «ellas se fossem estender a ouvidos distantes e a almas afastadas, a todos os brasileiros da mesma idade, crescendo, estudando, sonhando, dentro do immenso e inquieto coração do Brasil.»

Preoccupado e afflicto com o espetaculo da patria «devastada sem guerra, e caduca antes da velhice», e pela incapacidade ou indifferença dos varões responsaveis pelos seus destinos, solta esse grito de magua e revolta, para logo, do mesmo passo, atrôar, encher e fazer estremecer até aos fundamentos, os velhos muros daquelles viveiros de pioneiros do futuro, em um clamor vibrante e sincero pela salvação da nacionalidade brasileira. O que sobressalta e assusta o patriota, diz elle, «não é o desconforto, a falta de dinheiro, a falta de trabalho organizado e productivo na maior parte da União, nem o formidavel onus das dividas, opprimindo o nosso futuro. Ainda ha muita ventura e dignidade nas casas onde ha muito pão; mas nada ha, quando não ha amor e orgulho.

A grande doença, o grande perigo — é «a desgraça do caracter e morte moral. O que me amedronta é a mingua de ideal que nos abate. Sem ideal não ha nobreza de alma; sem nobreza de alma, não ha desinteresse; sem desinteresse, não ha cohesão; sem cohesão, não ha patria.»

E o grande poeta, pondo toda a sua robusta fé, não diminuida pelo começo do seu outomno, no valor despreoccupado e audaz da mocidade, nas flores, nos botões que vão desabrochar em fructos, nos rebentos da primavera nacional, enxerga o começo da reabilitação e da cura no serviço militar obrigatorio.

Porque este «é a escola da ordem, da disciplina, da cohesão»; e mais «o laboratorio da dignidade propria e do patriotismo, a instrucção primaria obrigatoria, o asseio obrigatorio, a hygiene obrigatoria, a regeneração muscular e psychica obrigatoria.»

Não se podia dizer mais, nem melhor.

Não seria só no terreno militar, no terreno da nossa defensibilidade que melhorariamos, seria mais ainda no terreno social, pelo estreitamento dos laços entre os nossos patricios mais afastados, na escola para os analphabetos, e pelas noções de ordem, responsabilidade, cohesão, disciplina e civismo, para todos.

A caserna não é mais do que uma vasta escola destinada á formação do exercito, que é a nação aprestada para defender-se e fazer respeitar-se no concerto das outras nações.

Em nossa época, finalmente, com o triumpho da democracia, o serviço das armas não podendo cifrar-se no apanagio de uma classe privilegiada, nem sendo licito que as nações confiassem a defeza do seu direito, sua honra, ou sua integridade aos azares do aluguel, ou a relegassem a seus filhos de condição inferior, fazem cousa mais segura e mais digna: ensinam cuidadosamente á flor de sua virilidade o manejo e technica das armas modernas, amoldam-na ao sopro vivificador do amor da patria e da sã disciplina, num todo coheso, irresistivel pela sua massa, e consciente em cada uma de suas partes, — e defendem-se a si mesmo. De tal sorte o ensino é ministrado em um exercito moderno, consciente de sua missão, que cada soldado luta pela sua patria offen-



dida ou em perigo, com o mesmo denodo que o faria pela inviolabilidade do seu lar ou pela honra de sua família. Isto, porém, não é possível, principalmente entre nós, povo sem laços fortes de coesão, cujas tradições cada vez mais se apagam pela imprevidência, ignorância e scepticismo dos seus directores, quasi todo analfabeto, desconhecendo sua patria e seus deveres para com ella, sem o serviço militar obrigatorio.

Gritam uns tantos patriotas (dessa colonia que nos momentos de perigo nacional nunca houve quem della desse noticia) dessa casta que nos dias de luto e de agonia foge das linhas de fogo como o diabo da cruz, gritam esses sophistas, azevados no vicio do espirito de contradicção, que não podemos executar tal lei, por ser inconstitucional. Mas o que determina a Constituição de 24 de Fevereiro é isto: «Art. 86 — Todo brasileiro é obrigado ao serviço militar, em defeza da Patria e da Constituição, na forma das leis federaes.» E quando não fôr possível o serviço militar segundo a execução plena do principio da «nação armada», isto é, attingindo a todos os jovens de 21 annos, em virtude, entre outras causas, da fraqueza do erario, como é o nosso caso actual, ainda é a Constituição que estatue no art. 87, § 4º: «O Exercito e a Armada compor-se-ão pelo voluntariado sem premio, e em falta deste pelo sorteio, préviamente organizado.»

Ahi está a Constituição determinando que, quando necessario, leis federaes attendam ás necessidades do Exercito, da nossa defesa, e essas leis estão promulgadas, sancionadas e decretadas ha cerca de oito annos. E ainda mais: pela execução dessas leis se batem todos os chefes militares dignos de tal nome, porque sentem que sem ellas nunca teremos exercito na sua acceção moderna.

Quando, senhores, algum jurisconsulto demasiado idealista chegasse a ter a veleidade de conceber um codigo criminal, onde o direito de legitima defesa não fosse resalvado e garantido a todos os homens, esse codigo não poderia servir a povo nenhum, porque seria um codigo caduco, um codigo immoral, um codigo de protecção aos malvados e aos criminosos.

Porque onde os bons ficam desamparados, desarmados, reinam naturalmente os maos.

Do mesmo modo, se a nossa Constituição oppuzesse empecilhos a cuidarmos seriamente da nossa defensibilidade, prohibindo-nos de collocar os orgãos de nossa defesa á altura do momento que atravessamos, se esse absurdo existisse, a nossa Constituição é que tinha de ceder, de ser modificada, porque seria uma constituição obsoleta, caduca, amarrados á qual iriamos até ao proprio suicidio. Uma constituição é a norma fundamental de um povo, dirigindo-o a futuro melhor e seguro. Não pode ser uma corrente ligando-o ao poste da fraqueza, que conduz á escravidão. Mas tal despropósito não existe, nem podia existir, e quer o serviço militar completo, quer o sorteio, que é a sua forma mais suave, auxiliado ainda pela instrução militar nos institutos de ensino e nas linhas de tiro, estão autorizados pela nossa lei magna.

De modo que, segundo a nossa lei que estatue a obrigação do adextramento de todos para a guerra, em alguns annos poderá o Brasil dizer

orgulhoso: a Nação é o Exercito e o Exercito é a Nação.

E não seria possível operar-se essa transformação, esse milagre, ás vespervas da guerra, ao rompimento das relações internacionaes, no começo das hostilidades?

Que resposta a generosa França, pela hecatombe espantosa de 70, na qual diz um mestre da guerra: «para sustentar a luta, a França levantou soldados; a Allemanha levantou-se a si mesma, desenvolvendo a força, o poder, não de um exercito que marcha, mas de um povo que se desloca.

Mas quereis ver em que condições lastimaveis estavamos em 1864, pouco antes da declaração de guerra?

O deputado Carneiro de Campos mostrando o nosso descaso pelo futuro, por occasião de discutir-se a lei de fixação de forças, diz: «Que no Rio Grande havia tres batalhões de infantaria, de ns. 3º, 6º e 13º, com o total de 1500 homens; quatro regimentos de cavallaria, com 1000 praças; um regimento de artilharia a cavallo com 276 praças; ao todo 2776 praças de linha. Não ha alli um corpo verdadeiramente completo e nas condições desejaveis; e mesmo para os exercicios não ha quanto basta. Emfim, por falta de gente, consta-me que, quando os corpos saem dos quartéis, se têm fechado os portões.»

Por nossa desgraça, a minha geração tem visto muita coisa semelhante a isto. Mas a historia quasi sempre não tem originalidade. Repete-se. E os povos despreocupados e imprevidentes, que desprezam as suas lições, comprometteram sempre a sua estabilidade, a sua tranquillidade, a sua honra, quando não se despenharam na fraqueza e da fraqueza na perdição.

Agora vejamos o nosso estado, já em plena guerra. Ouçamos o testemunho de um heroe de toda a campanha, o general Dyonisio Cerqueira. Diz elle em suas «Reminiscencias»: «Deixava muito a desejar o nosso pequeno exercito, não só em relação á instrução technica da maior parte dos corpos, como por se achar muito pobremente aparelhado para a dura campanha que iamós iniciar. Faltava-nos quasi tudo, desde o commissariado dos viveres e forragens regularmente organizados até ás ambulancias para os enfermos e meios de transporte facil e commodo. A' excepção dos poucos corpos que haviam invadido o E. Oriental, era constituido de soldados bisonhos dos batalhões de linha, que viviam nas provincias, dando guardas e destacamentos pelos sertões, fazendo diligencias policiaes, e de paizanos recrutados ou alistados Voluntarios da Patria, e que não tinham tido tempo de passar a prompto dos exercicios de recrutas.» E ainda: «Não só os que tinham feito a recente campanha do Uruguay, como os que iam chegando, estavam bastante desprovidos de fardamento e equipamento.

O general fazia o que podia, mas estavamos tão mal preparados, quando foi declarada a guerra que, apesar dos esforços empregados pelo governo e do patriotismo dos brasileiros, seis mezes depois (o gripho é meu), ainda não podiamos tentar tomar a offensiva. Entretanto o nosso inimigo tinha em armas 80.000 homens, instruidos, disciplinados, promptos para defenderem um territorio inteiramente desconhecido por nós, cir-



cumvallado por dois rios imensos, protegido no interior por intermináveis estêros, e, pelos lados de leste e oeste, por extensas regiões desertas, onde não havia uma estrada para dar acesso á invasão, que só podia ser feita pelo sul; ao norte Matto Grosso, que, não obstante a duríssima licção, continúa, passados 40 annos, ainda no fim do mundo» (hoje temos a estrada de ferro). E conclue: «Tivesse Lopez um general e a missão do exercito alliado teria sido muito mais difficil.»

E estas lições não aproveitaram a ninguém? A nós não. E escuso de dizer o estado em que se encontra a nossa defesa, por que todos vós o sabeis mais do que eu.

A Republica Argentina, porém, a nossa compaheira de então e grande amiga de hoje, entendeu de modo differente. Eis as palavras do general Julio Roca, em sua mensagem ao congresso argentino, em 1904, ultimo anno do seu governo: «E'-me agradável fazer saber que o exercito da nação segue a marcha do progresso, iniciada com tanto empenho, havendo chegado nos ultimos annos a um grau de perfeição, que o faz um instrumento efficiente, não sómente de segurança nacional, mas, igualmente, de progresso e adiantamento do paiz.

A lei do serviço militar obrigatorio, que traz aos quartéis, cada anno, os jovens cidadãos de todos os pontos do territorio para que nelles recebam a instrução militar, tem sido applicada com justiça e prudencia, de tal modo que não sómente não encontra resistencias, senão que os jovens conscriptos incorporam-se satisfeitos, sabendo que, terminado o prazo fixado pela lei, volverão a seus lares, levando um contingente de instrução, de cultura, saude e disciplina, que redunda em positivo beneficio delles e do paiz. O ensino que recebem nos quartéis abrange não sómente a instrução militar, a hygiene e a gymnastica, que os faz mais ageis e dextros, senão igualmente a escola elementar, onde os analphabetos aprendem a ler e a escrever, additando-se a esse programma noções de instrução civica, que os ensina a conhecer quaes são seus direitos e deveres como cidadãos, aprendendo enfim muitos daquelles que viviam em afastadas regiões o que é a Patria e qual o tributo que lhe devem pagar para fazel-a forte e respeitada. Escuso de insistir sobre os grandes beneficios que, para o futuro do paiz, representa esta lei, que podemos, justamente, chamar de civilisadora, e que é necessario conservar como uma daquellas que mais hão de contribuir para consolidar o sentimento nacional.

«As novas unidades, creadas desde que foi sancionada a lei 4.301 (lei que instituiu o serviço militar obrigatorio), o systema especial da manutenção de quadros reduzidos, durante uma parte do anno e a perseverança e methodo com que se ha trabalhado, tem permittido ter os elementos sufficientes para poder dar aos conscriptos uma instrução militar que os converte em pouco tempo em soldados, como o demonstraram palpavelmente as recentes manobras que se effectuaram no campo de Maio e na 4ª Região Militar, cujo resultado satisfactorio demonstra a dedicação e o zelo com que os chefes e officiaes cumprem o seu dever.

Tal como se acha hoje organizado o exercito, sua divisão regional, suas unidades e seus quadros de mobilisação, pode-se affirmar que em

caso de necessidade se poderia mobilisar, em dezoito dias sómente, um exercito de primeira linha de 80.000 soldados, havendo todos passados pelas fileiras, com uma dotação de quatrocentos canhões e obuzes de campanha, de modelo tão aperfeiçoado e uniforme como nenhuma nação os tem melhores. Acrescentaremos que esse exercito de primeira linha se mobilisaria com todo o seu gado de sella e de tiro e com todos os seus serviços auxiliares, saude, columnas de munição, etc., regularmente organizados. Isto constitue, sem duvida, uma amostra do progresso alcançado pelo exercito, e deve lisongear o sentimento de um paiz laborioso e pacifico, que presta ao mesmo tempo toda a sua attenção ao aperfeiçoamento de suas instituições armadas, que são a melhor garantia da paz interna e externa.»

Isto não é *lyrismo militar*. São dizeres claros e racionais, preventivos e seguros de um grande estadista. Isto é a evolução natural de uma nacionalidade prospera e de um povo consciente dos seus destinos. Isto é o aproveitamento das lições da campanha do Paraguay, da França de 1870 e da Russia de 1904 e 1905. São os conselhos preventivos da historia, a magua dos desastres soffridos e o justo temor de sua reproducção. Nós não temos *lyrismo militar*; temos é inconsciencia dos perigos. As lições de duras provações supportadas, não nos servem de nada, graças á falta de descortino e perseverança dos nossos estadistas, graças á fraqueza dos nossos governos.

Temos um patriotismo fogo de palha e fogue de lagrimas. Agimos por explosões. Ou tudo, ou nada. Não temos methodo, nem constancia. Queremos do nada que é o nosso Exercito, transformal-o, de um dia para outro, num exercito allemão. E como isto é uma insensatez e um impossivel, como o fim visado não é attingido immediatamente, descambamos para a descrença e a desesperança.

Mas toda a obra grande e duravel tem imperiosamente longas raizes no tempo. E' preciso paciencia e perseverança.

Os nossos directores têm errado muito; mas o nosso povo não é responsavel pelos seus desactos. Elle não tem deliberado. Os nossos intellectuaes, imbuidos d'uma cultura estranha ao nosso meio e passado, muito têm contribuido para a nossa instabilidade. As nossas tradições vão se apagando dia a dia. As lembranças dos nossos grandes momentos historicos, as nossas festas populares, as reminiscencias por todos os povos veneradas, são olhadas com indifferença ou desprezo. Com a perda de nossas tradições, usos extranhos e duvidosos vão tomando raizes.

Não temos respeitado o nosso passado. Não temos tirado de nós mesmos aquillo que necessitamos. Nossas leis e regulamentos, quando se modificam, o que succede constantemente, é pela raiz. Não são modificações sensatas, estudadas, reparações na arvore existente. São derrubadas e queimas, deixando o terreno descoberto, de vastado, para transplantações, muitas vezes contrarias aos nossos habitos, desarrazoadas. Toda transplantação é uma operação difficil, que demanda tempo e cuidado. Sem isso vem a atro-



phia, o enfraquecimento e a morte. Como, porém, falta persistência ás nossas administrações, a primeira difficuldade — toca a mudar.

O exemplo pratico deste estado de cousas, são os nossos regulamentos. Quando ainda bem não lemos um, já vem outro. Os nossos uniformes dão a impressão de um carnaval perenne. Não são mudanças razoaveis, demonstradas pela experiencia e pela necessidade; são, muitas vezes, frivolidades inutilissimas de cerebros sem preocupações serias. Em terreno algum, tal instabilidade se torna tão sensível, como no militar. As instituições militares vivem de firmeza e ponderação. Firmeza e ponderação são a sua natureza, a sua alma. Cada instabilidade inconsequente é como que um sopro de desconfiança contra a competencia e criterio dos chefes. E perdida a severa confiança nesse criterio, está perdido o orgulho de ser subordinado. Começa a não haver enthusiasmo no cumprimento do dever, e dahi a falta de consistencia no apparelho militar, que deve ser inteiriço e vibrar como uma mola de aço. E sem amor, respeito e confiança, não ha vibração possivel.

E' tempo, meus camaradas de cuidarmos seriamente da nossa unidade nacional e da nossa defesa. Isto sem arroubos momentaneos, mas com carinho, methodo e confiança no futuro do Brasil. Tenhamos coragem de dizer a verdade, de confessar nossos erros, nossos defeitos; mas não nos deixemos invadir do pessimismo que, por toda parte, só enxerga ruínas. Temos defeitos, mas tambem temos grandes virtudes.

Trabalhem, por todos os meios, para o alevantamento do Exercito. Acabemos com o systema de engajamento e reengajamento, a não ser no quadro dos graduados. Procuremos evitar que os soldados encaneçam no quartel. O quartel não é asylo de invalidos: é um estabelecimento de ensino da mocidade. Afugentemos os viciosos; porque o quartel não é penitenciaria ou casa de correcção: é a academia da altivez e da honra, onde se ensina o amor da Patria.

Dizem os patriotas de esquina que não precisamos de exercito á moderna, porque em caso de perigo o Brasil se levantaria como um só homem para responder a alguma affronta. Nós sabemos que isto são estoíros seccos de fanfarrões. O Brasil levantar-se-ia como uma só massa confusa, massa sem consistencia, para ser sacrificado pelo cansaço, pela confusão, pela impericia, varrido pela metralha. Venceria, talvez, mas depois de sacrificios immensos. Não é mais possivel obter-se seis e oito mezes de acampamento, para instruir soldados, organizar exercitos. Com a perspectiva de dias sombrios, não ha calma para a instrução. A guerra moderna tem por caracteristico a rapidez. O palco actual da grande guerra, parece provar o contrario: mas os gigantes, as civilisações, os ideaes que se encontram face á face, estão armados igualmente. Os pavorosos elementos de destruição são eguaes e se temem. Mas havendo desequilibrio — a rapidez é pasmosa. São relampagos: depois da faísca só resta amentar quem ficou carbonizado.

E' tempo de darmos o braço á mocidade, a «primavera nacional», e nos mostrarmos dignos della. Esclareçamol-a das vantagens do serviço militar obrigatorio, das vantagens de sermos fortes para merecermos o respeito e a liberdade.

## Comparação dos efeitos do fogo

Segundo as causas que no mesmo intervêm

(Continuação)

### Influencia da posição e densidade da tropa

Se o alvo é uma linha de silhuetas n. 2, se obtem um  $\% = 7,00$  e  $E_{ss} = 71,6$ ; se o alvo é uma linha de atiradores a dois passos da silhueta n. 1, o  $\% = 5,5$  e um  $E_{ss} = 48,3$ .

Se levarmos em conta que os coefficients assignalados para as vulnerabilidades, são:

Para a fila = 1; para a linha de atiradores a tres passos =  $1/3$ ; para a silhueta n. 2 = 3; para a silhueta n. 1 = 4, vê-se que a relação das vulnerabilidades de ambos os alvos, será:

$$\frac{V}{V'} = \frac{1 \times 3}{1/3 \times 4} = 2,25; \text{ valor limite ao qual só}$$

se chegará eliminando as causas de erro e multiplicando as experiencias até o infinito.

Como pôde ver-se no exposto precedentemente, a relação dos  $\%$  e das efficacias é

$$\frac{7}{5,5} = 1,27 \text{ para os primeiros, e } \frac{71,6}{48,0} = 1,50$$

para os segundos; quer isto dizer que se conserva maior que a unidade, que é a característica de ambas as relações.

Como ensinamentos deduziremos:

1º A necessidade de intervallar os homens quanto seja possivel sem prejudicar a acção do commando, caso não estejam enquadados;

2º Offerecer o menor alvo com os nossos homens, sem olvidar que a impulsão e o desejo de avançar é funcção principal do espirito, do animo da tropa e não da formação que adopta.

A posição deitado permanece energica na offensiva? Será com soldados sem moral, e para estes nunca se devem dar regras. Na hecatombe encontram a justificação, como se comprova na historia antiga e moderna.

### Influencia da visibilidade do objectivo

Sobre linhas de atiradores:

Bem visiveis: { obtem-se um  $\%$  de impactos . . . . . = 10,5  
{ e um  $E_{ss}$  . . . . . = 60,0  $\%$

Pouco visiveis: { obtem-se um  $\%$  de impactos . . . . . = 7,8  
{ e um  $E_u$  . . . . . = 23,3  $\%$

A relação dos  $\% = 1,34$

A relação do  $E_{ss} = 2,57$

Consequencia: Devemos dissimular nossa posição aproveitando quantos accidentes occultem ás vistas para fazer o fogo inimigo duas vezes e meia menos efficaz em nossos atiradores e reservas. Assim fazendo não só reduzimos os efeitos como tambem conseguimos offerecer o menor alvo possivel, difficultando a sua designação pelo inimigo, reduzindo assim o numero de baixas como se verá adeante.

### Influencia da boa ou má designação do objectivo

Designação má:

$$\% \text{ de impactos} = 2,16$$

$$E_{ss} = 13,33 \%$$



Designação muito boa :

$$\% \text{ de impactos} = 13,14$$

$$E_{ss} = 43,33$$

$$\text{Relação dos } \% \frac{13,14}{2,16} = 6,08$$

$$\text{Relação dos } E_{ss} \frac{43,33}{13,33} = 3,25$$

Estes numeros são por si sufficientemente eloquentes para que se comprehenda a necessidade de indicar ao soldado, com maximo detalhe, o *logar exacto* para onde deve-se dirigir o fogo, o qual não se romperá enquanto o official não esteja convencido de que todos os homens de sua unidade saibam para onde apontar. Proceder assim é obter uma grande efficacia para o seu proprio fogo.

E' essa tão grande, importante e *precisa* designação do objectivo, que influe mais que a maior ou menor visibilidade da linha inimiga.

Como vimos nos alvos mais ou menos visíveis, a relação dos % era igual 1,34 e 2,50 das efficacias; relações que passam a ser iguaes a 6,08 e 3,25, respectivamente, quando se trata da boa ou má designação do alvo a bater.

#### Influencia da posição que adoptam os officiaes e sargentos

Quando o official e os inferiores se collocam na mesma posição da tropa — de joelhos —, os resultados foram :

$$\% \text{ de impactos} = 5,8 \text{ (1)}$$

$$E_{ss} = 59,16 \%$$

Estando a linha de atiradores como no caso anterior — de joelho — e o official e inferiores de pé, obteve-se os seguintes resultados :

$$\% \text{ de impactos} = 9,4 \text{ (2)}$$

$$E_{ss} = 63,30$$

$$\text{A relação dos } \% \text{ é } \frac{9,4}{5,8} = 1,6$$

$$\text{A relação dos } E_{ss} \frac{63,30}{59,16} = 1,1$$

Estas relações indicam o quanto é prejudicial no combate se a officialidade e os inferiores adoptarem como posição unica a de pé; com ella augmentarão as baixas nos quadros e nas tropas a suas ordens.

Collocarem-se os officiaes em posições que *prohibe a tactica*, não só denuncia por sua presença o local de seus atiradores — de nada serve aproveitarem elles o terreno para desenfiaem-se das vistas — como tambem attrahem o fogo a suas immediações, como se comprova, por serem muito mais tocadas as silhuetas proximas ás que representavam homens de pé.

Isto quanto á vulnerabilidade; se levarmos em conta o factor moral, ninguem ignora as vacillações e incredulidades de uma tropa que fica sem a officialidade. A nossa historia por desgraça está cheia de exemplos e muito dolorosos.

Resumindo: exigir o chefe e cumprir a officialidade o estabelecido no regulamento tactico, e só adoptar a posição de pé quando nos obriquem razões moraes ou de direcção; jamais exigir systematicamente uma posição que tantas baixas custa, sem que com ella se obtenham resultados, ao contrario, prejuizo para o exito.

(1) Nos inferiores quatro impactos e nenhum no official.

(2) Seis impactos nos inferiores e se-e o official.

Comparemos os resultados obtidos :

1º — Por 80 homens, atirando com uma alça unica empregando o fogo por descargas.

2º — Pelo mesmo numero de homens, atirando com duas alças e fogo á vontade.

3º — Por uma secção — duas metralhadoras.

$$\text{Alça unica e fogo por } \left\{ \begin{array}{l} \% \text{ de impactos} = 3,88 \\ \text{descargas} \dots \dots \dots E_{ss} \dots \dots \dots = 30,13 \text{ (1)} \end{array} \right.$$

$$\text{Alças conjugadas e fo- } \left\{ \begin{array}{l} \% \text{ de impactos} = 0,99 \\ \text{go á vontade} \dots \dots \dots E_{ss} \dots \dots \dots = 14,03 \text{ (1)} \end{array} \right.$$

$$\text{Com as duas metra- } \left\{ \begin{array}{l} \% \text{ de impactos} = 2,97 \\ \text{lhadoras} \dots \dots \dots E_{ss} \dots \dots \dots = 32,29 \text{ (2)} \end{array} \right.$$

Comparando estes resultados se comprova que os maiores effeitos dos % são alcançados com uma alça unica; quanto aos effeitos uteis, o valor tão reduzido — comparativamente — e quicã anormal de 14,03 obtido no fogo á vontade rapido, o attribuímos á grande velocidade de fogo e ao estado nervoso com que atirou a tropa, sendo por isso o rendimento muito pequeno.

Comparando os % do fogo por descargas com o das metralhadoras, se vê que este é menor que aquelle, dando-se o contrario com os effeitos uteis, pela maior velocidade do tiro das machinas.

Mesmo quando com estas se obtenham effeitos superiores a duas e mesmo tres secções de infantaria, jamais poderão estas ser substituidas pelas metralhadoras. Estas são um auxiliar poderosissimo da nossa arma, mas nunca poderão substituir o soldado, porque como machinas que são, lhes falta o principal elemento da victoria: o espirito que vivifica a luta e a alma que impulsionando ao ideal nos leva a buscar o mais querido para o soldado — a gloria no combate.

#### Vantagens de um fogo colectivo (dirigido pelo official) sobre o individual (não dirigido pelo chefe da secção)

Apezar de no exercicio realisado na Escola não ser o tiro individual executado como devia ser, por isso que o objectivo, local, etc., (3) era indicado pelo commandante, limitando-se a iniciativa do atirador á escolha da alça, sem embargo, os resultados foram maiores no fogo colectivo — dirigido — que no individual, como provam as cifras seguintes :

$$\text{Tiro individual} \dots \dots \left\{ \begin{array}{l} \% \text{ de impactos} = 5,3 \\ E_{ss} \dots \dots \dots = 36,9 \end{array} \right.$$

$$\text{Tiro colectivo feito } \left\{ \begin{array}{l} \% \text{ de impactos} = 8,2 \\ \text{por uma secção} \dots \dots \dots E_{ss} \dots \dots \dots = 50,6 \end{array} \right.$$

$$\text{Relação dos } \% = \frac{8,2}{5,3} = 1,5$$

$$\text{Relação dos } E_{ss} = \frac{50,6}{36,9} = 1,4$$

Chega-se a resultados vez e meia maiores com o segundo tiro que com o primeiro.

(1) Em 1' 30" pelos 80 homens.

(2) Em minuto e meio pelas duas metralhadoras.

(3) Ainda mais todos os soldados atiravam ao mesmo tempo, sendo assim o % de impactos maior que se os individuos atirassem um a um.



Cremos que o exposto bastará para que se comprehenda porque a Escola e nossa tactica, estabelecem que a «secção (1) é a unidade de fogo e de movimento», ao que se pode accrescentar «unidade sempre indivisivel no tiro.»

Nota — A secção tinha atiradores das tres classes em proporção normal por ser uma secção instruida pela escola.

### Efeitos segundo o numero e qualidade dos atiradores

Não sómente com o tiro se obtem melhores resultados a grandes distancias com os melhores atiradores. Com effeito, escolhidos seis bons atiradores atiraram a 1300<sup>m</sup> contra uma linha de atiradores silhuetas n. 1, e ao mesmo alvo atirou uma secção composta das tres classes.

Os resultados obtidos são os que se seguem:

Os 6 bons atiradores.	{	% de impactos = 6,8
		$E_{ss} \dots \dots = 49,4 \%$
A secção composta das 3 classes de atir. es	{	$E_u \dots \dots = 4,23$
		% de impactos = 8,3
	{	$E_{ss} \dots \dots = 56,1 \%$
		$E_u \dots \dots = 22,15$

$$\text{Relação dos } \% = \frac{8,3}{6,8} = 1,2$$

$$\text{Relação dos } E_{ss} = \frac{56,1}{49,4} = 1,1$$

$$\text{Relação dos } E_u = \frac{22,15}{4,23} = 5,2$$

Comquanto a relação dos % e  $E_{ss}$  difflira um pouco da unidade, são melhores os resultados da secção que os dos seis atiradores, e quanto aos effeitos uteis, os resultados obtidos por estes são cinco vezes menores do que o alcançado por aquella.

Não quer isto dizer que a instrucção não seja necessaria; antes pelo contrario, é muito precisa e indispensavel como já tivemos occasião de mostrar na parte em que fizemos o estudo comparativo dos resultados obtidos por soldados instruidos e os de instrucção deficiente.

O que explica essa anomalia é a vantagem simultaneidade do fogo, no tiro de conjunto, não na formação de uns quantos especialistas, cuja especialisação prejudicou ao ensino dos demais. E' innegavel que sempre obtém maiores effeitos — em igualdade de condições — os mais habéis.

Claro é, que o % e a efficacia nas silhuetas atingidas pelos seis atiradores são quasi iguaes aos obtidos pela secção, porém isso foi alcançado á custa do tempo, pois os primeiros levaram 16 minutos para consumir os 488 cartuchos e a segunda só levou 3 minutos e 40 segundos. (2)

E se o tempo é ouro na paz, na guerra o seu valor é incalculavel, sendo «o effeito moral que as baixas produzem função inversa da demora para produzi-las» e o commandante que melhor saiba aproveitar aquelle — o tempo — terá elementos importantes, em favor da victoria que pleiteia.

Resumindo o exposto temos:

1º — Que se deve prescrever a idéa de que ás grandes distancias só devem abrir o fogo os

melhores atiradores, pois isto é anormal e prejudicial. Nas grandes como nas médias e pequenas distancias o fogo ha de ser executado por toda a secção sem fraccionamentos inadmissiveis hoje nas modernas theorias do tiro, que têm sido confirmadas por multiplas experiencias;

2º — Que é preferivel que alcance a companhia um nivel médio na pratica do tiro, em lugar de uns quantos — muitos jamais se conseguirá — atiradores excellentes, cujos resultados na luta, dado seu pequeno numero, seja insufficiente ao fim que se deseja em vista do tempo excessivo que necessitam os poucos atiradores para alcançar effeitos que satisfaçam a necessidade do momento.

O ideal do capitão é que o peor de seus soldados seja atirador de 2ª. E' preferivel isto a ter uns quantos de 1ª e 2ª e o resto, a maior parte, de 3ª

### Conclusão

Terminando o seu magnifico trabalho o capitão Balanzat diz haver realisado o seu desejo se conseguiu firmar nos subalternos a idéa de que sua missão — como directores do fogo — em combate é importantissima.

2º Tenente Newton Cavalcante.

## Questões para a minha arma

### (CONCLUSÃO)

Os lances cada vez mais nos approximam do inimigo. As perdas augmentam. As distancias diminuem. Garfea-nos o primeiro feixe de balas. A zona dos fogos de infantaria é penetrada.

— Agora, além do obuz e do schrapnell, os feixes mortiferos. Aliás, uma nova vida visita os homens. Os fuzis deixam-lhes as espadas. Já os utilizam.

— E' que os meios citados para facilitar o avanço se tornam insufficientes. E' preciso mais um.

— O fogo é este novo auxiliar. A sua conducta e o seu emprego são, então, os problemas a resolver. Cabem ao chefe do pelotão. Conduzil-o é saber quando ha oportunidade de o usar e judiciosamente. E' alcançar o seu rendimento maximum. Empregal-o é precisar a sua abertura e a sua cessação. E' designar e escolher objectivos. E' repartil-o convenientemente.

— Enquadraremos os principios da conducta e emprego do fogo em duas rubricas: a preparação e a execução.

— Na offensiva, como na defensiva, poderemos applical-as. Nesta, entretanto, com mais vantagens. Em ambas é preciso não esquecer nunca que o fogo é um meio, o movimento o unico fim. Na offensiva se

(1) A secção corresponde ao nosso pelotão.

(2) Esta grande differença de tempo é que influe na não pequena dos effeitos uteis.



atira para gerar o movimento. Na defensiva para retardar o inimigo, enfraquece-o, detel-o, para crear a offensiva.

**I. Preparação do fogo — a) Reconhecer o terreno.** Executamol-o em primeiro lugar. E' uma operação semelhante á que já estudamos em relação ao movimento. Acrescenta-se-lhe, todavia, o cuidado de o fazer tambem sob o ponto de vista particular das posições de fogo. Além da apreciação e escolha dos caminhamentos, das cobertas e dos abrigos, ha mais a fazer. E' preciso saber aproveitá-los para surpreender os objectivos fugidios. Para abrir o fogo nas melhores condições, com melhor alça. E' indispensavel determinar as distancias dos accidentes reconhecidos. Apreciar declives. Ter sempre em vista as proprias tropas e as do inimigo. O reconhecimento do terreno é o essencial para diminuir as perdas. Garante uma efficacia satisfactoria. Evita o desperdicio de munições. Indica as distancias e intervallos a adoptar. Aproveitados intelligentemente os elementos para reconhecer o terreno, tem-se feito quasi tudo. Resta dividil-o em grandes zonas. Assignalar-lhes os limites com accidentes bem visiveis e já conhecidos.

**b) A escolha de uma ou mais posições de fogo** é a consequencia immediata do reconhecimento prévio. A primeira posição de fogo, em geral, é aquella em que os feixes adversos nos fizeram aterrar. Dahi em diante o escalonamento dos abrigos e a extensão dos lances. O fogo e o silencio do inimigo.

— Em terreno chato e sob superioridade de fogos, trabalha-se optimas posições. A sapa é ainda um *meio* para o avanço. Construirá estas posições. Primeiramente monticulos de terra sahidos do esforço solidario e alternado dos homens da mesma fila. Mais tarde, resistentes obstaculos aos desejos de victoria do inimigo. "Que não se pare para cavar, mas que se cave porque se parou".

**c) A occupação das posições de fogo.** E' uma operação difficil. Nem sempre o lance é o prescripto. Na maior parte das vezes é preciso dissimular a ao inimigo. Não se póde, em geral prescindir do apoio das fracções visinhas. Aliás, excepcionalmente se progredirá pelo proprio fogo. O avanço se fará por pequenas fracções.

**d) As formações** — Guiam-nos os mesmos conceitos já expendidos. Evitam-se ain-

da os codigos e as prescripções inculcadas como infalliveis.

**e) Effectivo a empenhar** — O regulamento nos dá as directivas. De um modo geral, nunca iniciar o fogo com um numero insufficiente de fuzis. Alcançar desde o começo a superioridade de fogo. De outro, evitar o lançamento inutil de homens. Economia de forças. Retardar a mistura dos elementos, a confusão. Assim, pois, o chefe é tudo. Tudo se espera de sua capacidade.

**II. A execução do fogo — a) Procura e designação dos objectivos.** A chimica e a industria militares vem transformando, continuamente, os methodos de instrucção e de combate. Fazer o vacuo de homens, como já dissemos, é a tendencia. As infiltrações e a polvora sem fumaça realisam admiravelmente essa moderna concepção. E'-nos facil, pois, aquilatar as difficuldades da procura dos objectivos. Elles são fugitivos flexiveis. Um pactum com os secretos esconderijos do terreno torna-os quasi invisiveis. Só um perfeito adestramento póde satisfazer-lhes as exigencias. O desenvolvimento da vista pelo habito de apreciar as silhuetas dos diversos objectivos é o mais pratico. Vel-as sob diversos efeitos de luz e sobre variados fundos. A habilidade no usar o binoculo é um bom elemento. Deve-se o mais rapidamente possivel ver os objectivos. A sua designação deve ser breve e clara. A linguagem usada simples e sensivelmente sempre a mesma. Os objectivos serão designados directa ou indirectamente.

No primeiro caso, quando são de facil encontro incidimos logo sobre elles. Contrariamente, lançamos mão da designação indirecta. Mostramos um alvo auxiliar. A's vezes, apenas, a direcção. Raramente, indicar-se-ha o *ponto a visar*. Só o faremos quando o objectivo se desloca com certa rapidez, parallelamente á nossa frente. Quando se quer concentrar o fogo sobre um determinado objectivo. Para o caso do alvo auxiliar. Quando o vento sopra com certa intensidade da direita para a esquerda. No geral dos casos não se designará o *ponto a visar*. Assim se obterá melhor repartição do fogo.

**b) Repartição do fogo e mudanças de objectivo** — E' imperioso o chefe ter a sua tropa na mão. Seja a moral ou a ordem. O necessario é que em qualquer momento o fogo possa cessar instantanea-



mente. Que a sua reabertura seja fulminante quando ordenada. Quando se sente melhor o que dissemos é no repartir ou concentrar o fogo ou ao se mudar de objectivo. Deve-se atacar com violencia os objectivos mais perigosos. E' preciso saber distinguir quaes são elles. Não se pense que os mais vulneraveis sejam os que merecem a nossa preferencia. Antes, julgemos os mais perigosos os que contrariam a nossa missão. Dahi dois principios geraes. Na offensiva, é preciso ganhar terreno, são preferidos os objectivos que atiram aos que marcham. Quando ha objectivos igualmente perigosos é preciso batel-os simultaneamente. Difficilmente uma mesma unidade de fogo pôde alcançal-o. Quando inevitavel, exige-se uma profunda circumspecção do chefe.

c) *Avaliação das distancias* — E' uma das condições de efficacia. E é das mais difficeis de preencher.

Os reconhecimentos successivos do terreno desbravam de muito esta tarefa. Apesar disso ella avulta ainda difficilima. O preparo de bons avaliadores é o essencial.

— Os pontos de quéda dos feixes seriam optimos indicadores da precisão da distancia e portanto da exactidão da alça. Observal-os, entretanto, quasi nunca se logra. Rarissimamente conseguimol-o. As melhores indicações da efficacia do fogo são as perturbações lançadas sobre o inimigo. As paradas, os desenvolvimentos, as mudanças de formações, nos orientarão. Tambem o maior ou menor effeito dos fogos inimigos sobre as nossas fileiras dirá muito.

d) *Escolha da natureza do fogo* — A infantaria deve ser avara de seu fogo e prodiga de suas munições. O fogo serve para auxiliar a decidir uma questão e por isso deve ser terrivel. Essas palavras de Bugeaud dizem tudo. O fogo deve ser incisivo, rapido e violento. Isto quanto permittem a economia de munições, a fadiga dos homens e o tempo de exposição do objectivo. Os fogos lentos são geralmente condemnaveis. São indecisos e pouco efficaes. Os fogos de salva com os vivos de cartuchos contados são os melhores. A situação tactica, a distancia do adversario e as munições dictam melhor que quaesquer preceitos a especie do fogo. Na escolha da natureza do fogo é axiomático uma severa reserva.

e) *Abrir e cessar o fogo* — Os chefes devem ser capazes de abrir e cessar o fogo quando queiram. Os que se impõem aos seus homens, os que têm capacidade de mando acham-n'o simples. Os que não os têm mantido moralmente elevados, cohesos e unos, consigo sentirão todas as difficuldades. Só aquelles podem agir por surpresa, evitar desperdicio de munições, lançar sua tropa para a frente. Só elles aproveitarão as raras occasiões de inflingir perdas sérias ao inimigo. Mudar de objectivo, concentrar e repartir o fogo, será para elles muito simples.

— E assim é que a infantaria avança apesar de tudo.

2. Tenente *Mario Travassos*.

## Escola de Applicação para Officiaes Superiores

Um bom numero de generaes e officiaes superiores e um grande numero de capitães e officiaes subalternos, que temos ouvido a respeito da necessidade inadiavel da fundação de uma Escola de Applicação para Officiaes Superiores, nos moldes delineados em o numero passado, teem-nos feito declarações de franco e decidido apoio.

Alguns, embora poucos, apresentam a objecção da difficuldade que ha na organização dessa escola, no que diz respeito ao director e aos auxiliares do curso.

Ninguém contesta que essa difficuldade existe. Se quizermos desde o inicio uma coisa absolutamente perfeita, então essa organização será mais do que difficil, será impossivel.

Mas é preciso convir, por um lado, que é fraqueza imperdoavel deixar-se de realizar um nobre e util empreendimento, simplesmente porque elle apresenta algumas difficuldades, aliás menos importantes na realidade do que na apparencia; e por outro lado, que é absurdo querer que saia do nada, de uma só vez, uma construção perfeita.

Segundo a Biblia, até o proprio Deus não fez o mundo com essa pressa. No primeiro dia fez o céu e a terra. Antes disso, presume-se, não estava fazendo coisa alguma, exactamente como nós em coisas militares. Depois trabalhou mais cinco dias, para poder dar o mundo prompto.



Ora, ahí está o que os nossos dirigentes podiam fazer.

No primeiro dia creavam a Escola de Applicação, escolhendo para dirigil-a um dos muitos officiaes de alta patente, que teem revelado talento e amor ao trabalho nas funcções que teem desempenhado.

Ninguém poderá negar que dispomos no Exercito de muitos officiaes nestas condições.

Durante o periodo da preparação para a abertura do curso, esse official trataria naturalmente de adquirir os conhecimentos necessarios á sua missão.

Os auxiliares por elle escolhidos fariam o mesmo. O estudo e o trabalho em commum seriam lucrativos para todos.

Quando fosse aberto o curso, aos estudos feitos seria ligada a pratica correspondente. Não haveria perfeição, mas os proprios erros trariam ensinamentos.

No inicio, haveria vantagem na continuação do mesmo director por alguns annos, exactamente para ir aproveitando os ensinamentos que a continuidade dos estudos e a pratica facultam assim poder no fim de um certo tempo preparar outros officiaes para o desempenho dessa missão.

No fim de quatro ou seis annos estaria o serviço da escola completamente normalisado e della sahiria annualmente um bom numero de officiaes superiores capazes de commandarem uma tropa em campanha sem a sacrificarem inutilmente.

Estariam então no sexto dia. No sétimo já os dirigentes poderiam descansar um pouco, isto é, confiar no começo da existencia efficiente dos serviços militares entre nós.

A seguir publicamos algumas palavras que distinctos camaradas se dignaram de escrever a respeito deste assumpto e no numero seguinte a elle voltaremos.

Já quasi ao entrar para o prelo o presente numero desta revista, recebemos do distincto camarada capitão Manoel Bourgard de Castro e Silva, um exemplar de regulamento para uma Escola de Instructores do Exercito, elaborado em fins de 1910 por uma comissão assim composta: General Bormann, então Ministro da Guerra, Coronel Barbedo, Capitães Emilio Sarmiento, Castro e Silva e Estelita Werner.

E' um bello regulameto para uma excellente instituição que traria beneficios extraordinarios ao nosso Exercito.

No proximo numero trataremos do assumpto para frisar os pontos de contacto entre uma tal instituição e esta outra de que nos temos occupado, mostrando que uma não exclue a outra e que, ao contrario, as duas se completam.

Que os nossos dirigentes nos deem esses meios de estudo e de aperfeiçoamento e o Exercito terá dentro de pouco tempo uma officialidade modelar, máo grado o pessimismo *smart* dos scepticos e a má vontade dos commodistas. Só de má fé se poderá contestar que temos uma officialidade capaz de se tornar apta para a gloriosa missão da defeza militar da Nação. Intellectualidade não nos falta, o que nos tem faltado é rumo e trabalho.

Brazilio Taborda

Meu caro Taborda — ... Percin, ao apresentar o seu luminoso e incoercível parecer sobre as escolas de fogo, experimentou as mais sérias resistencias da parte de officiaes illustres, é verdade, mas que pelo facto de se não sentirem desvencilhados dos methodos preteritos, se não haviam afastado ainda da rotina, o que nos faz lembrar um hierarchico nosso, que, apezar de illustre ser julgado, e não menos bem intencionado — em manobras escoadas, a um capitão de uma bateria de tiro rapido L. 28, mo. 1. 1908, assim determinou: — *colloque as suas peças em cima d'aquelle morro, donde amedrontando o inimigo, melhor o verá e aguardará o momento, por mim julgado conveniente para a abertura do fogo.*!

Conta-se que nesta mesma época e manobra, — um outro capitão recebêra a seguinte missão: — *«Deveis tomar posição no morro alto, donde desenfado dos clarões, batereis uma força adversa, que deverá surgir em taes ou quaes pontos a 200 metros de nós, na rampa descendente do mesmo morro*!

Ora se taes chefes tivessem passado pelas malhas da «Escola Percin», certamente não avançariam a tanto, lhes não envolvendo hoje a fronte uma corôa de tantas heresias tacticas.

Quando, ha annos passados, fiz parte de um concurso de tiro de guerra, — um official superior e de artilharia, (o que é peor), me declarou que a minha bateria, a 4<sup>a</sup>, se afastára demasiadamente da crista, lhe não sendo possível, por isso, bater a infantaria adversa, porquanto, para o fazer — seria preciso o emprego de tiro directo, *maxime* em se tratando, como em o meu caso, de uma *bateria de infantaria*, cujo fim, assim m'o affirmou o illustre chefe — é acompanhar a infantaria!

Um outro official, que á minha bateria elogiadas referencias fez, notou, no entanto, se achar a minha luneta enfiada pelas vistas adversas, como se o capitão não fosse obrigado a tudo ver, cabendo-lhe mascarar-se, sómente — quando a physiographia local o permite e consente!

Ora, se para um artilheiro affeito aos modernos methodos de tiro de nosso material de campanha, não são divisados factos de tal jaez, o que se não dará com aquelles que dizem: «ponha um canhão em cima d'aquelle morro, um outro



n'aquelle; uma metralhadora acolá; passando o capitão da bateria para o meu estado maior?!

Tudo isso me faz lembrar o que se conta de um coronel que, ao verificar praça na infantaria, assim affirmou: «Estou bastante satisfeito com a minha inclusão na infantaria, porquanto, não gosto de montar a cavallo.»

Lembro-me bem: ha annos escoados, após eu haver feito uma conferencia sobre o combate da artilharia, dois officiaes, ao trocarem conmigo, idéas a respeito, de mim divergiram — affirmando-me que o tiro normal do nosso T. R. era o individual e directo e não o colectivo como eu affirmára.

Um outro official, ledor e critico, acha que a *Equitação* não passa de um amorpho amontoado de regras inuteis — preconizadas por alguns pseudo modeladores que, por falta de assumpto, só vivem a fallar de *flexão da ganacha, mudança de mão, está no freio* e quejandos — como se isso, a exemplo da gymnastica sueca e da do cavalleiro — influísse no preparo do conductor!

Ora, se na adiantada França, ainda em 1908, artilheiros houve que preconisaram para a bateria de infantaria o desenfiamento do homem a pé e para a contra-bateria o do homem a cavallo, aos seus capitães impondo tal ou qual desenfiamento, como se esta incognita do problema não fosse do espaço morto uma função — o que se não dará, entre nós, onde muitas vezes se tentam sórguer os methodos archaicos, incompatíveis e heterogeneos ao nosso meio?!

Como se atará num campo de batalha, um commandante de nossa infantaria, ao ter como coordenadas de combate, — tropas de todas as armas — se na paz elle as não conheceu e applicou?!

Na artilharia, sobretudo, os novos methodos de tiro resultantes do aperfeiçoamento do material, tudo transformaram, tudo nos parecendo novo, donde a necessidade de um só cadinho para os commandantes e commandados. Se o commandante da artilharia não sabe como atira, para onde atira e porque atira — não poderá coopear na lucta apoiando a infantaria, cujo commandante só saberá pedir se noções tiver d'aquillo que o nosso material pôde fazer — donde a necessidade de uma aprendizagem, sómente adquirida numa escola de applicação.

E quando mesmo reconheçamos, na maioria de nossos officiaes superiores, uma pezada bagagem scientifica, achamos no entanto que em quasi todos a exemplo do que Percin observára — se acrisola a carencia d'aquillo que é pratico, d'aquillo que só se aprende fazendo de *visu*, observando, — pelo que, a criação de um curso de applicação se impõe, se me afigurando um dos factores primordiaes de nosso aparelhamento militar.

Capitão de Artilharia—*José de Castello Branco*

A' *Defeza Nacional*, o 2º tenente Francisco Mendes da Silva Sobrinho felicita pela grandiosa idéa da Escola de Applicação para officiaes superiores.

Meu caro Taborda — Ao perlustrar o n. 25 da *Defeza Nacional* hontem distribuido, entusiasticas exclamações se me escaparam applaudindo tua feliz idéa ali nitidamente esboçada num magnifico artigo, de crear-se, entre nós, uma escola de applicação para officiaes superiores.

*Bravo!... Muito bem!... rep.º* o agora nestas rudes linhas, para exprimir-te a minha approvação e apoio, desvaliosos mas sinceros, por partirem do coração de um soldado nato, no qual 30 annos de amargas desillusões colhidas na peregrinação pela vida militar, ainda não conseguiram amortecer o ardor civico nem apagar a esperança de ver o nosso exercito na altura de sua incomparavel e nobre missão. Para isso, a meu ver, não bastará o serviço obrigatorio, como alguns pensam; será ainda imprescindivel que elle exista rigoroso, inilludivel... para a officialidade, forçando-a aos fecundos trabalhos dos regimentos e parallelamente aos estudos technicos em escolas como a que propões. Não vacillo em affirmar que, a parte (está visto) um bom numero de excepções, sem uma tal escola não passaremos nunca de méros soldados caricatos que desconhecem até mesmo o A B C da profissão.

A imagem é talvez muito forte, mas é justa.

Vejamos: que qualificativo deve dar-se ao official que manda o seu ordenança escolher posição para artilharia e indical-a ao respectivo commandante?

A esse typo de soldado, por assim dizer analfabeto, fielmente retratado em teu bello artigo ultimo, podes juntar est'outros, cuja authenticidade garanto: o do commandante de destacamento das 3 armas que em uma das *grandes manobras*, num grande alto sob uma chuva torrencial, ao se lhe pedir informações do inimigo respondeu: «menino, tudo isso é uma comedia e nella eu sou apenas o contra regra. Nada sei do inimigo; procure-o e bata-o, se não puder com elle, fuja...!»

Essas palavras são textuaes e têm como testemunhas duas ou tres dezenas de officiaes de todos os postos. Encerram, como se vê, um duplo e *magnifico* ensinamento. No entanto, o joven aspirante a quem foram dirigidas, jamais poderá dizer como o grande Napoleão: Foi o general... du Teil que me ensinou a obedecer e a mandar...

Nessas mesmas *manobras* um outro, commandando a defeza de uma trincheira, conservou-se inabalavelmente inactivo em presença de um ataque de flanco, visto que — disse elle depois — «o *thema* só previa o ataque pela frente». Outro, numa experiencia de cartuchos de salva para nossa metralhadora *Maxim*, mui ingenuamente indagou do destino que estavam tendo as balas, ao perceber que ellas não attingiam uma casa situada a pequena distancia na direcção do fogo.

Essa patente já avançada na arma de infantaria, não obstante, ainda não tivera tempo de aprender que as balas de taes cartuchos são de madeira e ôcas, pulverizando-se, portanto, após os disparos. Poderia, emfim, citar-te os cabos de guerra que durante a revolução do R. G. do Sul fizeram a artilharia agir — sem outra protecção que a dos fuzis dos proprios artilheiros — contra inimigos a 200 metros de distancia... e em Canudos, como ha pouco no «Contestado» puseram-n'a á ilharga da infantaria para reforçar a impetuosidade das cargas. Julgo, porem mais prudente concluir, dizendo-te simplesmente: — Avante!... *Clama ne cesses e vencerás* tua patriotica e ardua peleja.

«Aos fortes a vanguarda».

Teu camarada, admirador e leal.

Capitão *Sezeifrêdo de Almeida*.



Meu caro Taborda. — Tenho acompanhado com viva sympathia a idéa da fundação, na Villa Militar, de uma Escola de Applicaçào para officiaes superiores, que vem tão bem justificada nos teus dois ultimos artigos da *A Defeza Nacional*. E' dessas idéas que nunca é de mais encarecer, taes são as vantagens que dellas decorrem, uma vez postas em pratica.

Por uma serie de causas, que não vem a pello citar, e cujas responsabilidades não cabem individualmente a ninguém, o nosso Exercito manteve-se durante algumas decadas afastado das preocupações mais estreitamente ligadas á profissão, como sejam os processos de combate das armas, isoladas e em conjuncto.

E, enquanto nos desinteressavamos d'essas questões, relegadas a um segundo plano desde a Escola Militar, a ascensão dos officiaes através dos postos ia-se fazendo, fatalmente, como o proprio cyclo da vida.

Quando, de alguns annos para cá, o Exercito despertou nos anseios de saber profissional e eficiencia para a guerra, que o caracterisam hoje, nos surpreendemos todos com o nosso proprio desconhecimento das coisas mais elementares da tactica das armas.

Como me recordo dessas primeiras manobras de 1905, e das que vi depois, dois annos seguidos, na 8.<sup>a</sup> divisão de infantaria na Allemanha!...

No entanto, ellas tiveram, entre outros meritos, o de nos ter feito perceber o quanto ignoravamos... Pode-se mesmo dizer que o interesse pela tactica e o desejo de aperfeiçoamento profissional, datam, para muitos de nós, dessas manobras, e por mais que estejamos descontentes com a marcha tarda da nossa evolução, é forçoso confessar que temos progredido muito.

E quanto menos satisfeitos estivermos com o nosso estado de adiantamento, tanto melhor, porque assim progrediremos mais. O equilibrio entre o ambicionado e o obtido marca o inicio da decadencia.

Ora, se «não nos falta capacidade intellectual, porque a temos talvez de mais» e se temos um preparo serio dessa technica do armamento, no que se refere á applicação das sciencias exactas, tão exageradamente ensinados na antiga Escola Militar, em compensação falta-nos, como com justeza dizes — orientação pratica, rumo profissional.

Alguns dos nossos camaradas dos postos mais elevados procuraram ganhar em velocidade o que perderam em tempo, estudando e applicando conhecimentos, com que já podem guiar os subalternos no preparo de suas fracções, e exigir com consciencia, exigir corrigindo, aquillo que não se pratica, ou que se pratica mal.

Outros, porem, não puêram fazer o mesmo, entre varios motivos, por melindre hierarchico. E' um sentimento respeitavel, que convem a todos os postos, mas que está mal applicado. A esses é que a escola projectada prestará os melhores serviços. Refiro-me aos bem intencionados, aos que querem realmente progredir.

Estudando, em commum com camaradas competentes — quaesquer que sejam os seus postos — um thema tactico, sobre a carta topographica da região, esmiuçando-lhe os detalhes, pondo em evidencia os erros das soluções, e colhendo os ensinamentos que delles decorrem, para depois assistirem á realisação pratica da operação no terreno, os nossos officiaes superiores, sem de-

saire para as suas prerogativas hierarchicas, adquirirão, em pouco tempo, uma grande mèsse de conhecimentos, que, de outra forma, só obteriam á custa de penosas leituras e esforços, que nem todos podem mais fazer. Ficariam não só habilitados a commandar com acerto suas unidades em combate, como a fiscalisar e corrigir os subordinados, orientando-os na preparação da tropa. Isso, quanto á parte tactica.

Mas, quanto á acção do fogo — factor com que os adversarios annullam a distancia que os separa e abatem o inimigo até lhe alcançar as trincheiras?

A technica do tiro de infantaria e de artilharia exige uma preparação theorica fundamental, a que se deve seguir a verificação pratica, para poder habilitar os chefes a fiscalisarem e corrigirem a instrucção dos subordinados. E quando digo *technica do tiro*, não me refiro á balística, mas sim aos processos de tiro colectivo, ao engarfamento dos objectivos pelo feixe das trajectorias da infantaria, e da artilharia, e ás operações que antecedem a obtenção do fogo efficaz.

Só por uma esplanação theorica, seguida da confirmação pratica, se torna evidente a acção do fogo sobre os diversos alvos, de forma a se poder ajuizar do que é permittido esperar, no combate, do fogo das armas irmãs.

Eu lembraria, por isso, que ao lado dos themas tacticos, se instituisse tambem na Villa Militar — um curso de *informações* para capitães e officiaes superiores.

O curso poderia ser feito em vinte dias para a infantaria, e em um mez para a artilharia, consistindo em *conferencias* sobre os methodos de tiro nas duas armas. Essas conferencias, que poderiam ser diarias, seriam proferidas por um official de qualquer posto, mas de reconhecida competencia no assumpto, o qual não poderia arguir os ouvintes, mas estaria no dever de responder ás perguntas que estes lhe fizessem. Desta maneira esclareciam-se as duvidas sem ferir os melindres hierarchicos.

Quando as prelecções tivessem attingido um grão sufficientemente adiantado, far-se-iam nos campos proximos á Villa Militar, com unidades instruidas, exercicios de tiro colectivo contra alvos de combate e cujos resultados serviriam de themas objectivos para a conferencia seguinte. O conferencista faria, então, a critica do exercicio e ensinaria a maneira de julgar o resultado.

Não é preciso encarecer os beneficios que traria á instrucção da tropa a volta desses officiaes ás suas unidades, indo fiscalisar na infantaria o ensino do tiro colectivo, a distancias e contra alvos de combate, sabendo julgar os resultados obtidos, para, com sua critica, corrigir ou estimular os officiaes subalternos — que são os commandantes do fogo — a empregarem com acerto os seus fuzis.

E essas idéas são tão simples quanto exequiveis.

1.<sup>o</sup> Tenente E. Leitão de Carvalho.

Meu caro Taborda. — ... Com a franqueza de que sempre uso, venho, acudindo ao teu appello, dizer o que penso do projecto, que em linhas geraes traçaste na «Defeza».

A creação entre nós de uma escola de applicação para officiaes superiores só merece applausos.



Ella nos forneceria um meio seguro de nos pôrmos todos em dia com os processos de combate das armas e sobretudo de nos desembarçarmos ou (se julgares preferivel) perdermos o acanhamento na *arte de dar ordens* para combate, exercicio que tão raras occasiões temos para fazer.

Vendo executar no terreno uma operação tactica já estudada na carta — resolvida e discutida anteriormente — os erros que se commettessem ensinariam mais que os proprios acertos.

Nunca é tarde para aprender e, quando se sabe, para aperfeiçoar os proprios conhecimentos.

O que não seria louvavel era enthesourar-se a gente na ignorancia, por capricho ou mal entendido orgulho e se retirar, passando o bastão aos novos, ou se deixar arrastar na cauda da corrente...

Que venha a escola e vejamos o que ella nos ensina.

Teu velho camarada e amigo ex-corde.

Coronel *Bonifacio Costa.*

## Considerações administrativas

A criação do corpo de intendentes pelo decreto n. 6971 de 4 de Junho de 1908, obedeceu ao fim especial do afastamento dos officiaes combatentes do pesado serviço de administração, isto ainda em beneficio das dignas funcções que lhes cumpre desempenhar, ministrando aos seus soldados a instrucção de que necessitam para a cabal e nobre missão da defeza da Patria.

Infelizmente, porém, a falta de regulamentação do corpo e a deficiencia de pessoal, ainda não permittiram a realisação do ideal visado por aquelle decreto, facto esse que tem perturbado o serviço de administração nos seus varios ramos, prejudicando igualmente a instrucção reclamada pelo soldado na caserna.

E, de mais, accresce que ha necessidade da limitação das responsabilidades de cada um no desempenho do dever que lhe assiste.

Ninguém ignora o perigo e os prejuizos que possam decorrer de uma substituição transitoria no desempenho de funcções para as quaes, apesar de boa vontade e mesmo dedicação, não se tenha a necessaria pratica.

Taes prejuizos podem tanto se reflectir no substituto como no substituido.

E' preciso dar a cada um a responsabilidade que lhe cabe, para que a traduza com o valor que merece e possa bem aquilatar do seu merecimento.

A escassez de officiaes intendentes na caserna tem motivado a anomalia dos officiaes de fileira se acharem no desempenho de funcções especiaes de administração, que justamente desconhecem por não terem disso obrigação e não fazerem parte de seus mistéres.

Este facto, se de um lado, por um erro de officio, pode ferir fundo os interesses da Fazenda Publica, interesses que devem ser escrupulosa e religiosamente zelados, por outro não deixa de trazer geraes inconvenientes á disciplina, á instrucção e á boa ordem nas fileiras.

Não é accetavel, nem se pode comprehendere, que um capitão que tanto tem a cuidar e a zelar pelo preparo technico de seus soldados, se preocupe com pagamentos, confecção de pedidos, extracção de vales e conferencia de papeis de administração.

A elle deve competir fiscalisar acuradamente para ver se os seus soldados estão bem fardados, armados e alimentados.

O regulamento interno ainda em vigor no Exercito, estabelece que o pagamento ás praças seja feito pelo sargento intendente; entretanto esse sargento não tem responsabilidade desse acto, porque não passa recibo, competencia do capitão, o qual, tendo a responsabilidade individual, hesita em dar essa delegação e chama a si os pagamentos, effectuando-os como se fôra o sargento.

Porque não se dar ao sargento essa responsabilidade?

Taes pagamentos não poderiam se tornar effectivos por um official intendente auxiliar?

Acaso não vemos a autonomia concedida a funcionarios de primeira entrancia, como praticantes e 4<sup>os</sup> officiaes de repartições, para assumirem a responsabilidade do que produzem, já effectuando o processo, averbação e conferencia de documentos de despesa de alto valor, já na confecção de guias para arrecadação de receitas avultadas?

E' que para o criminoso ha a Lei e a Lei não faz selecção.

Porque não se ha de praticar no Exercito como se procede na Marinha, onde o official combatente só se preocupa com a instrucção?

Não seria preferivel que ao apresen-



tar-se um conscripto á caserna, logo após ao juramento á Bandeira, fosse elle conduzido á presença do intendente do corpo (\*), que disso teria sciencia pela ordem regimental, para que o uniformisasse e armasse, e, uma vez incluído na sua grade de arraçoamento, o fizesse apresentar ao capitão para o contemplar na escola de instrução que lhe competisse?

Parecerá centralisação do serviço, entretanto esta hypothese é negativa, uma vez que a epoca de incorporação ultimamente determinada para os mezes de Janeiro e Julho de cada anno não está ainda normalisada, porquanto o voluntariado se apresenta e se incorpora de 1 a 31 daquelles mezes. E de futuro, mesmo que isso se dê, como é de desejar, o accrescimento de serviço resultante para a administração, devido a essa concentração, seria de alguma maneira compensado pela normalidade e regularidade da distribuição feita em igualdade de condições, tudo numa determinada época, na qual uma solicitude especial seria insufficiente para vencer tal accumulo momentaneo de trabalho.

Não seria preferivel que as relações de vencimentos de praças fossem assignadas pelo official intendente auxiliar, fiscalisadas pelo chefe de serviço de administração, a quem competiria rubricar-as e que a recapitulação desses vencimentos fosse assignada pelo fiscal e rubricada pelo chefe do corpo ou do estabelecimento?

Ao official de tropa já basta o muito que tem a cumprir de accordo com o que está determinado nos regulamentos de instrução; e a sua acção nobre na formação do soldado, do verdadeiro elemento de defesa da Patria, não pode e não deve ser desviada para a solução de problemas de administração.

Que se torne uma realidade o corpo de intendentes, se o regulamentando de accordo com os intuitos que determinaram o Decreto n. 6971 de 4 de Junho de 1908.

Que cada qual cumpra o seu dever dentro da esphera de acção que lhe foi traçada.

Capitão intendente *Adolpho Luiz de Carvalho*.

(\*) N. da R. — A solução deve ser outra. Devemos pensar em ter um dia regularisada a incorporação de recrutas. Todo o contingente annual se apresentará de uma vez e então manifestar-se-ia o defeito da proposta centralisação.

## Questões á margem

### Das «Cartas» de Griepenkerl

(Continuação)

#### XXIX Bivac

Setima carta, pag. 117 e 118: as ordens são datadas do bivac ao norte de St. Remy. Seria talvez interessante examinarmos o que diz o R. S. C. allemão sobre a instalação de um bivac.

406. A disposição do bivac em grupamentos separados facilita a escolha de locais apropriados e augmenta, especialmente nas grandes unidades, a promptidão para o combate.

407. Em geral os bivacs são dispostos de accordo com a distribuição da tropa e a situação tactica. A frente é voltada ao inimigo, salvo modificação determinada pela consideração da cobertura ou da retirada. Quanto aos detalhes do grupamento o que decide são o terreno, a alimentação, agua e lenha sufficientes e em situação commoda, as necessidades particulares de cada arma. E' preciso levar em conta a protecção da artilharia.

408. O bivac deve ser quanto possivel desenhado ás vistas do inimigo; é preciso ligar importancia ás boas communicações, em ultimo caso creal-as.

409. O terreno para o bivac deve ter o subsólo secco e assegurar quanto possivel o abrigo contra o vento e o máo tempo. As varzeas, embora pareçam totalmente seccas, sempre desenvolvem á noite humidade e neblina. Uma noite passada sobre um chão humido póde causar maior numero de baixas do que um combate. O chão duro ou a matta limpa apresentam em geral um subsólo favoravel.

411. O commandante do bivac antecipa-se ás tropas afim de escolher o local. Acompanham-n'o officiaes montados das diversas unidades.

412. Cada unidade que chega occupa immediatamente o seu local. *Toda modificação ulterior do local importa em grande perturbação do repouso e só motivos prementes poderão justificar-a.*

413. A bem do serviço os altos commandos instalam-se em localidades ou casas proximas.

414. Em cada bivac o mais antigo ou mais graduado official presente é o cdte. do bivac. Elle fica num lugar facil de reconhecer e todas as guardas devem saber onde é. O cdte. do bivac regula a segurança externa e a delimitação acaso necessaria. Elle indica os locais ás diversas unidades e determina as providencias ou os trabalhos especiaes, como a repartição de poços e aguadas e divisão do tempo para seu aproveitamento. Especialmente é da sua responsabilidade assegurar a utilização prompta e em ordem de todos os recursos que se apresentarem afim de *proporcionar quanto antes o repouso á tropa e o abrigo contra o tempo. (Palha, lenha, etc.)*

#### XXX Retaguarda

Oitaya carta, ordem de retirada. Diz o R. S. C., no capitulo «Segurança de marcha. Destacamentos mixtos de todas as armas,» sob o titulo — Retaguarda —:



182. A retaguarda deve effectuar a segurança de uma tropa que retira, contra as inquietações e o ataque. Ella não pôde contar com o apoio pelo grosso. Por ahi se determinam seu *effectivo* e sua *composição*.

Em regra ha de se attribuir forte artilharia á retaguarda; sempre ella deverá dispor de cavallaria para combater e esclarecer. Depende de cada caso particular a inclusão de sapadores e a proporção d'elles.

Sempre que as circumstancias o permittirem a retaguarda deve ser constituida de tropas frescas.

183. Se a tropa estava em combate, a retaguarda terá que obter, ás vezes pela luta, a possibilidade para o grosso retirar em ordem, mesmo em risco de ser sacrificada.

184. Desde que o inimigo não mais obrigue a marchar em desenvolvimento de combate, a retaguarda passa á columna de marcha.

Na determinação da distancia do grosso deve-se levar em conta o retardamento possivel de sua marcha.

A retaguarda retira por lances. Os necessarios altos de marcha devem ser dispostos de tal maneira que a retaguarda encontre abrigo e desenfiumento no terreno.

185. Muitas vezes poder-se-á alcançar o necessario ganho de tempo, forçando o adversario, pelo fogo de artilharia e de metralhadoras sem que se empenhe a massa da propria infantaria, e em seguida iniciar a retirada despercebidamente. As armas montadas recuperam mediante andadura mais rapida a distancia tomada pela infantaria, posta em marcha em primeiro lugar.

Desde que se apresente occasião favoravel, um cdte. de retaguarda emprehendedor tomará passageiramente a offensiva, mesmo pelo effeito moral.

186. A cavallaria da retaguarda volta suas vistas especialmente sobre as tentativas do inimigo, de ganhar os flancos.

Outra fracção de cavallaria, de força consideravel, com artilharia a cavallo, que intervenha offensivamente contra o flanco do inimigo perseguidor e que em combate apoie as alas da retaguarda, pôde contribuir consideravelmente para facilitar a retirada.

187. Para causar entraves á perseguição inimiga tambem se devem barrar os caminhos e destruir as pontes, onde couber. Muitas vezes convirá expedir com antecedencia a força necessaria á execução de taes trabalhos (sapadores.)

188. Em marcha a retaguarda se articula em *corpo* e *cauda*, com a respectiva cavallaria, tudo em constituição identica á dos elementos da vanguarda. Seus órgãos de esclarecimento guardam o contacto com o inimigo. As circumstancias decidirão se além da companhia-cauda e da ponta de-infantaria (que pôde ser de cyclistas) tambem é necessaria uma ponta-de-cavallaria.

### XXXI Lugar do chefe na retirada

Oitava carta, pag. 136, linha 8ª: «(Vide R. E. I. 297 e 432)»; Dizem os artigos citados, que correspondem respectivamente aos 325 e 467 do nosso R. E. I.:

297. Impondo-se a retirada, todos os chefes ficarão, como principio, junto ás suas tropas para sustentar a cohesão e a ordem. Só o chefe supe-

rior em regra, depois de ter tomado as primeiras disposições e assegurado sua execução, seguirá com antecedencia para a retaguarda, a tomar ultteriores providencias.

432. O combate em retirada carece de uma direcção convencida pelo commandante em chefe. Elle deve ordenar qual a tropa que tem de apoiar e onde, e indicar ás differentes columnas sua direcção de marcha. Só depois que tiver tomado essas providencias e tiver a garantia de sua execução, abandonará o campo de batalha para em seguida receber a tropa com novas ordens. O mais incumbe aos chefes subalternos.

### XXXII Abuso dos meios technicos de comunicação

Nona carta, pag. 150, antes da *ordem*: (Vd. R. S. C. 47 § 3). Diz esse artigo:

47. Na transmissão de ordens por meio de telephone signaleiros, radio-telegraphia, etc. é necessario constatar quem deu a ordem. Pôde ser preciso a repetição textual pelo recebedor. Mesmo que a ligação seja tida como segura, será muitas vezes conveniente tambem mandar por escripto as ordens importantes transmittidas por via telegraphica. O uso frequente demais dos meios technicos de comunicação, especialmente em combate, encerra o sério perigo de prejudicar a autonomia dos cdtes. subordinados.

(*Continúa.*)

## Tendas abrigo

Instrucção para armar as tendas abrigos regulamentares, organizada pelos Capitães Medeiros Pontes e Leandro Costa, para uso de suas companhias.

### TENDAS ABRIGOS PARA DOUS HOMENS (FILA)

Nos acampamentos para instrucção e manobras, á ordem de «Armar barracas», dada pelos commandantes de companhias, os commandantes dos pelotões vão á frente dos mesmos e dão a voz «Preparar».

Os guias direitos dão um passo á frente, tomando o lugar dos commandantes de pelotões, sendo os seus lugares occupados pelos guias esquerdos.

Os cabos das esquadras conservam-se nos seus logares, onde armam barracas com os seus serra-filas.

Em seguida abrem intervallos de 3 passos para a esquerda, por filas, ficando as filas da direita de cada fracção firmes e as demais se perfilando depois da execução.

Depois, a primeira fileira fará «Meia volta» e a segunda «um passo largo a retaguarda».



A's vozes «ao terreno armas» «des-equipar» e «armar barracas», ainda dos commandantes de pelotões, as mochilas vão á frente de cada homem, tendo as marmitas apoiadas no terreno com as cabeças para a frente e os fusis á direita; desemmalam os pannos das tendas, collocando-os sobre o ante-braço esquerdo (os triangulares sobre os rectangulares), sustentando com a mão direita a armação, em posição vertical, com a base no solo entre os pés, conservando o pino de metal para cima, voltando a perfilar-se rigorosamente.

Isso feito, os serra filas recebem dos chefes de fila os pannos triangulares, que com os seus enfiem no pino da armação pelos respectivos ilhozes.

Depois, enfiem os pannos rectangulares por uma extremidade, entregando a outra ao seu camarada de fila.

Amarram depois, no pino da armação, sobre os ilhozes dos pannos, as cordas mais compridas e enquanto os chefes de fila sustentam as suas armações sem se deslocarem, os serra-filas recuam puchando as cordas de maneira a conservar as armações em posição vertical e prendem as suas extremidades nas estacas que cravam no sólo; agora, os serra-filas vão sustentar as suas armações, enquanto os chefes de fila cravam tambem as estacas dianteiras das «tendas», procedendo do mesmo modo que os serra-filas, cravando depois, simultaneamente as estacas correspondentes á extremidade do panno rectangular, á sua direita, em seguida as das outras extremidades e por fim as centraes.

Por ultimo procedem á ligação dos pannos das «tendas» por meio das cordas pequenas.

O bom resultado do abarracamento assim armado depende exclusivamente do perfeito alinhamento das filas, da egualdade dos intervallos entre as mesmas filas e do passo dado á retaguarda pelos serra-filas ser feito bem perpendicularmente.

A companhia pode acampar: «em linha», «em columna de pelotões», «em linha de columnas» e «em columna de esquadras».

*Em linha*, armam-se as tendas num só alinhamento, ficando os sargentos á direita dos seus pelotões, os cabos á esquerda das suas esquadras, os officiaes á retaguarda correspondendo ao centro da linha á distancia de 8 passos, os corneteiros e tambores á retaguarda dos officiaes, á

mesma distancia e o 1.º sargento á direita da companhia.

*Em columna de pelotões*, a distancia entre elles será de 8 passos: os sargentos á direita e os cabos á esquerda dos pelotões (quando não tiverem serra-filas), os officiaes á retaguarda da columna a 8 passos e os corneteiros e tambores á retaguarda dos officiaes, a 4 passos. O 1.º sargento á direita do 1.º pelotão.

*Em linha de columnas*, as esquadras guardarão no pelotão as distancias de 8 passos, os sargentos á direita das primeiras esquadras dos seus pelotões, os cabos á esquerda das esquadras, os officiaes á retaguarda e no centro, a 8 passos de distancia.

O intervallo entre os pelotões será de 6 passos. O 1.º sargento á direita da ultima esquadra do 1.º pelotão, a 4 passos de distancia; os corneteiros e tambores a 4 passos á retaguarda da linha dos officiaes.

*Em columna de esquadras*, estas terão as distancias de 8 passos; os officiaes á direita, no sentido da profundidade e a partir da testa, começando pelo mais moderno e a 6 passos de intervallo; os sargentos á esquerda tambem a 6 passos de intervallo e no mesmo sentido, sendo a ultima a do 1.º sargento; os corneteiros e tambores á retaguarda dos officiaes.

Estando a companhia em linha ou em columna de pelotões, os cabos que não tiverem serra-filas vão para a esquerda dos seus pelotões, e em linha de columnas ou em columna de esquadras, para a esquerda da primeira esquadra.

Os sargentos supra-numerarios entram na linha á esquerda da fila formada pelos sargentos guias, que para isso se deslocarão.

#### TENDAS ABRIGOS PARA QUATRO HOMENS (MEIA ESQUADRA)

Dada a formação e a ordem de «armar barracas» pelos commandantes das companhias, os commandantes dos pelotões mandam: «preparar». Ao que, as filas pares dão 3 passos á retaguarda e um passo á direita, ficando assim a formação em quatro fileiras.

As filas da direita da fracção ficam firmes e as demais voltam á esquerda, abrem intervallos de tres passos e retomam a frente primitiva.

As primeiras e terceiras fileiras fazem meia volta, e as segundas dão um passo á retaguarda.



A's vozes «ao terreno armas», «des-equipar», as terceiras fileiras deixam no terreno as armações, as primeiras e quartas fileiras recebem os pannos triangulares e uma das pontas dos rectangulares e os enfiar nos pinos (estes por cima daquelles) sustentando verticalmente as respectivas armações.

As segunda e terceira fileiras dão um passo curto á esquerda, sem que os homens das segundas desloquem as armações do alinhamento, porque a estes cumpre enfiar os pannos rectangulares no pino da armação central.

Em seguida os homens da segunda e terceira fileiras vão amarrar as cordas maiores e cravar no sólo as estacas que sustentam as barracas, respectivamente pela frente e retaguarda; depois vão pela direita cravar as estacas centraes e as das extremidades.

A frente de cada fracção deve ser, em passos de 0m,75, igual ao numero de esquadras multiplicado por 6.

A distancia entre os pelotões na columna é de 14 passos.

Parallelamente á linha da frente e á distancia de 10 metros á retaguarda, será collocada a «cosinha».

As «latrinas» serão estabelecidas em logares e distancias convenientes. Os vehiculos da companhia ficarão a 4 passos á retaguarda da cosinha.

A distancia entre duas fileiras de tendas chama-se Rua; o intervallo entre duas tendas, Viella.

Em torno das tendas e á distancia de 0m,25 abre-se um rego da largura de 0m,35 para evitar que as aguas das chuvas penetrem por baixo das mesmas.

Ao toque de reunir as praças formarão nas ruas de accordo com a disposição dada á formação do acampamento.

Instrucções e disposições que devem tomar a musica e mais pessoal do Estado Menor do Regimento para armar as tendas-abrigos regulamentares, organisadas pelo Capitão Souza Castro.

#### PARA DUAS PRAÇAS

Quando o Regimento tiver de acampar o seu estado menor tomará as seguintes disposições:

A' ordem de «armar barracas» o ajudante levará a musica para o logar a ella destinado e mandará pôr o instrumental num local proximo e conveniente; feito

isto, mandará tomar novamente a formação regulamentar.

Uma vez a musica nesta formação, o capitão ajudante mandará: «3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> fileiras, 8 passos á retaguarda, marche».

A' voz de: «Abrir intervallos de 3 passos para a direita por filas, marche!» as filas da esquerda ficam firmes e as demais ganham terreno á direita e se perfilarão pela esquerda, de modo identico como para 4 praças.

Feito isto, o ajudante mandará: 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> fileiras «meia volta volver; 2.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> fileiras «um passo á retaguarda marche».

Armam-se as barracas como se acha acima prescripto nas instrucções dos capitães Medeiros Pontes e Leandro Costa.

O sargento ajudante e o 1.<sup>o</sup> sargenteante do estado menor armam as suas barracas á esquerda da casa da ordem e á esquerda destes, ficam as dos 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> sargentos archivistas.

O 1.<sup>o</sup> sargento musico abriga-se na barraca, deposito do instrumental.

Os 3.<sup>os</sup> sargentos corneteiro e artifice á retaguarda da do commandante do Regimento.

Os 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> sargentos intendentés á esquerda da intendencia e em seguida os cabos intendentés e soldados auxiliares.

O pessoal artifice e conductores do estado menor em uma linha paralela ás outras linhas de barracas e junto ás viaturas.

Os cabos armeiro e do material bellico, á retaguarda da do ajudante.

Os 2.<sup>o</sup> sargento de saude e 3.<sup>o</sup> dito veterinario, á esquerda da barraca ambulancia do posto medico.

Os cabo e anspeçada ordenanças á retaguarda, correspondendo ao intervallo das do commandante e do fiscal.

#### PARA QUATRO PRAÇAS

Dada a formação ou o toque de: «armar barracas», o ajudante levará a musica para o logar a ella destinado e depois de depositar o instrumental num logar conveniente, como acima já ficou dito, mandará: «preparar».

As filas da esquerda ficam firmes e as demais abrem intervallos de 3 passos á direita, da seguinte forma: abrindo os braços na horizontal de modo que as pontas dos dedos de dois homens consecutivos distem uma das outras um passo. (Com isto se obtem quasi que rigorosamente os 3 passos de intervallo.)



Feito isto, o ajudante mandará «3ª fileira um passo á esquerda, 2ª fileira um passo á retaguarda», em seguida «desequipar».

A esta voz os homens desequipam e os da 3ª fileira deixam no sólo o pau da armação e voltam á direita.

Os homens das 1ª e 4ª fileiras recebem respectivamente dos das 2ª e 3ª os pannos triangulares e uma das pontas dos rectangulares e os enfiam nos pinos das armações, estes por cima daquelles. Os homens da 2ª fileira dão um passo curto á direita sem deslocarem as armações do alinhamento, porque a estes cumpre enfiar os pannos rectangulares na armação central.

O mais, como fica dito na instrução acima dos capitães Leandro e Pontes.

A musica formará sempre em 4 fileiras completas, de accordo com o n. 543 do Regulamento de Exercícios para a Infantaria.

## Serviço de Saúde em Campanha

(CAMPANHA DO CONTESTADO)

EXPEDIÇÃO SETEMBRINO

Quando em Curityba, attendendo a uma ordem do Quartel General das Forças em Operações no Contestado, alli comparecemos, já o respectivo Estado-Maior realisára a distribuição do pessoal do Serviço de Saúde destinado á expedição Setembrino.

Coube-nos a missão de fundar e dirigir o Hospital de Sangue do Rio Negro — uma das bases de operações na campanha contra os fanaticos.

Trocadas as idéas essenciaes sobre a nossa futura maneira de agir, recebido em mão o regulamento hospitalar dactilographado ali á nossa vista partimos a desempenhar a dita commissão levando como auxiliar encarregado da pharmacia o segundo tenente pharmaceutico Heraclito d'Avila Garcez.

O serviço de Saúde das Forças em Operações no Contestado, na expedição Setembrino, estava delineado proficientemente. Ligeiras variantes que nelle se apontavam afastando-o assim dos schemas classicos corriam por conta de circumstancias puramente occasionaes: — gran-

de extensão da zona de acção, deficiência na mesma de boas e garantidas vias de comunicação, e relativa carencia de meios de transporte para feridos, problema este, aproveitamos o ensejo para dizel-o, ainda não resolvido entre nós e para cuja solução é necessario que se volte e se encaminhe a solicitude dos competentes.

E' assim que havia:

a) **Serviço de primeira linha ou de vanguarda**, a cargo dos medicos pertencentes a cada unidade tactica em acção, serviço este, pelas circumstancias em que tinha de ser effectuado, puramente de urgencia;

a) **Serviço das ambulancias moveis**, criação sanitaria esta, fazendo parte integrante da columna, deslocando-se com esta, recebendo em segunda mão os doentes do serviço precedente, dotado de pessoal mais numeroso, melhor aparelha-



Salvador Paulino Baptista, soldado do 16º Batalhão, ferido a 17 de novembro de 914, hospitalizado a 21 do mesmo mez. Cura por cicatrização completa a 30 de dezembro de 914.

do, com pharmacia e serviço de transporte para feridos;

c) **Hospitais de sangue**, em numero de dois, localizados nas bases de operações, com lotação a criterio dos respectivos dirigentes e na altura dos seus proprios recursos, e agindo em relação aos doentes de duas maneiras distinctas: evacuando para o Hospital de Curityba os doentes necessitando de uma hospitalização prolongada (aquelles portadores de fracturas, com ferimentos de cicatrização demorada, infectados, carecendo mudança de clima, etc.) e retendo nos seus leitos todos os demais.



Ainda a respeito da lotação o critério dominante, pelo menos no que esteve a nosso cargo, era ter sempre leitos vagos n'uma proporção de 30 % do total para a eventualidade da entrada de feridos de guerra.

Os Hospitais de Sangue, como já dissemos, em numero de dois, estavam situados nas bases de operações no começo das hostilidades: **Rio Negro**, ponto de confluencia da estrada de rodagem Itayopolis, Estiva e Papanduva (zona de acção da columna Léste) e da Estrada de Ferro S. Francisco — Canoinhas (zona em



Brazilio Castilho, soldado do 12º Batalhão, ferido a 15 de novembro, internado no hospital a 16. Cua radical.

parte occupada pela Columna Norte), e **União da Victoria**, local onde posteriormente foi sede do Quartel General das Forças, attendendo ás necessidades das duas columnas restantes **Oéste** (Rio Uruguay — Porto União) e **Sul**, a cargo da qual estava toda a zona comprehendida entre Lages, Curitybanos, Campos Novos, etc.

Questões varias de grande relevancia e referentes ao Serviço de Saúde em Campanha que no dominio da theoria entre nós e por mais de uma vez têm sido aventadas, na Campanha do Contestado atingiram ao seu auge, e agora, o que é peor, no dominio da pratica, como necessidade imperiosa, tal a de termos perfeitamente apparelhados para todas as eventualidades um serviço sanitario de campanha dotado de todos os requisitos e a que têm incontestavel direito os nossos bravos soldados.

Prendendo-se a este assumpto, dentre os problemas que avultam pela sua importancia um destaca-se e como tal é preciso que constitúa objecto de cuidados especiaes no sentido de que lhe seja dada



Alfredo Paes Barretto, anspeçada, ferido a 17 de novembro, internado no hospital no mesmo dia. Cicatrisação 40 dias depois. Transferido para o hospital de Curityba afim de tratar de uma Ankilose Consecutiva.

uma feição eminentemente pratica — é o de transporte de feridos.

Consideradas a natureza vária, ingrata dos nossos sertões, a ausencia quasi absoluta de estradas (n'estas e em outras



Americo dos Santos Passarinho, soldado do 56º de Caçadores, ferido a 19 de novembro, hospitalizado no dia seguinte.

campanhas acções têm-se desenrolado em plena floresta, quando não por grótas e socavões) facilmente se deprehendem as



difficuldades de toda a sorte, a quasi impossibilidade de conduzir uma turma mesmo pouco numerosa de feridos em padio-



*José Ferreira Bello, cabo do 12º Batalhão, ferido a 17 de novembro, hospitalizado a 21 do mesmo.*

las (\*) ou mesmo em cargueiros (*cacolets*) meio este, a meu ver, absolutamente con-



*Antonio Pereira de Oliveira, cabo do 16º Batalhão, ferido a 17 de novembro, hospitalizado no mesmo dia. Cicatrização franca a partir do dia 28 do mesmo mez. Transferido para o hospital de Curitiba a 30.*

demnável por só se prestar a um numero reduzidissimo de doentes, e isto mesmo

(\*) Atender ao numero quasi sempre reduzidissimo de padioleiros disponiveis em semelhantes occasiões. Eis porque não regateamos os nossos mais calorosos applausos ao nosso illustrado collega Capitão Dr. Alves Cerqueira, o qual com brilhantismo explanou e viu fructificar entre nós sua idéa da *Companhia de Saúde*, com pessoal numeroso e bem distribuido.

quando a docilidade e mansidão dos animaes empregados são garantidos, compromisso este que ninguem, em boa-fé, pode assumir.

Em nossa opinião cremos que o meio de conducção mais facil pela sua praticabilidade é a *rêde*, aceitavel não só pelo seu facil acondicionamento quando não está sendo utilizada como por não requerer pessoal com preparo especial para della fazer uso no momento opportuno. Bôa vontade e bôa musculatura são os unicos requisitos necessarios para o cabal desempenho de conduzir doentes por esse processo.



*Manuel Amaro, soldado do 4º Regimento de Infantaria, ferido a 17 de novembro, hospitalizado no mesmo dia. Fractura comminativa do humerus, dando lugar á extracção de varios esquirolas osseas. Além do ferimento acima representado apresentava outro na base do pulmão esquerdo, donde phenomenos francos da emphysema de ambos os lados. Posteriormente pneumonia lobar esquerda não evoluindo porem o cyclo completo. Curado.*

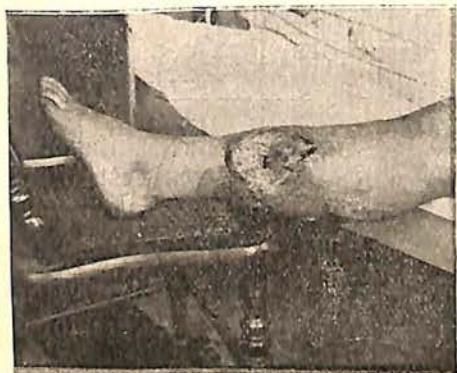
Uma simples esteira adaptada por meio de embiras ou cordeis á trave que repousa nos hombros dos conductores constitue um dispositivo de real utilidade no sentido de abrigar o doente quer contra a estiagem quer contra a chuva. (\*\*)

Outro ponto para o qual chamamos a atenção dos competentes é a modificação que se faz mister nas *canastras inglezas*. Todos quantos em campanha, ou mesmo em simples manobras, têm-se utilizado destas *canastras* sabem o quanto é inestimavel o seu valor. Apenas ellas precisam soffrer uma modificação que as *nacionalise*, permittam-nos a expressão.

(\*\*) Como outros motivos de preferencia é de conveniencia ainda citar a favor da *rêde* sua facil acquisição em qualquer centro commercial e o seu custo relativamente diminuto.

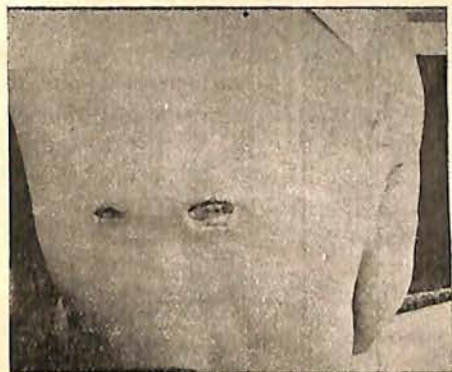


A posologia dos seus medicamentos em grãos, oitavas e onças, os seus ther-



Tito Miranda, saigento do Batalhão de Segurança do Paraná, hospitalizado a 9 de fevereiro de 1915. Transferido para o hospital de Curitiba.

mometros com escala Fahrenheit, e todas as suas notas explicativas em inglez são



Pedro Celestino, cabo da 4ª Companhia de Metralhadoras, ferido a 3 de fevereiro de 1915, hospitalizado a 8 do mesmo mez. Pneumonia unilateral esquerda. Além dos ferimentos apresentados na figura acima tinha ainda os exhibidos na figura 10 bis.



Vide gravura anterior.

responsaveis por muitas duvidas suscitadas em ocasiões, como em campanha,



João Campos, Vaqueano da columna lêste, ferido a 3 de fevereiro de 1915, hospitalizado 5 dias depois.

em que se não perdôa ao medico a menor indecisão na pratica do seu mistér. Junte-se ao que fica exposto a substituição de tres ou quatro medicamentos sem applicação entre nós por outros de uso corrente, e as canastrias inglezas, mudando de nome como o farão de feitio, desempenharão o seu papel a contento do mais exigente. Nestas desprezenciosas linhas que vimos traçando guardamos uma referencia especial para o curativo individual.



Rodolpho Lima, soldado do 56º de Caçadores, ferido a 30 de fevereiro de 1915, hospitalizado no dia 8.

Antes de mais nada é essencial fazer prevalecer a pratica salutar e necessaria de toda a tropa ao partir para operações



de guerra munir-se de curativos individuaes em numero sufficiente para o seu effectivo.

Hoje, mais do que nunca, faz-se a devida justiça ao curativo mesmo rudimentar feito logo após o trauma. Quando não tenha outras vantagens (e bem sabemos que ellas existem) basta lembrar a da oclusão, pelo seu lado protector, empecendo assim a contaminação a que se acha exposta toda a solução de continuidade. (\*)

O curativo individual, pela sua relevante importancia, merece muito mais que ligeiras referencias como as que ora estão sendo aqui traçadas, e é por isto que,



Specimens de balas extrahidas de feridos do nosso hospital de Sangue.

mais de espaço, voltaremos sobre o assumpto com informes pormenorizados e quiçá apresentação de um typo que possa ser adoptado entre nós.

A titulo de curiosidade reproduzimos aqui algumas photographias de casos de clinica internados em o nosso Hospital de Sangue do Rio Negro, na vigencia da ultima Campanha do Contestado.

Capitão Medico Dr. P. de A. Pessoa de Mello.

(\*) Por intermedio do nosso Hospital de Sangue do Rio Negro fizemos chegar a algumas unidades no campo de acção um certo numero de curativos individuaes (um milheiro approximadamente) todos, porem, com o fio e alfinete de segurança carcomidos pela ferrugem. Por este tempo, em palestra com o nosso illustrado collega Capitão Dr. Mariz Pinto, então recém-chegado da Europa (já sob a vigencia da guerra) este mesmo collega falava na necessidade de crearmos nós um typo de *curativo individual* nosso, e ao qual, accrescentava elle não falte o iodo, sob qualquer forma. Folgamos de, em publico, poder subscrever *in totum*, como já o fizemos de viva voz, a idéa d'aquelle distincto facultativo e prestimoso collega.

## O Fusil Mauser M. 1908

### Nomenclatura do fusil—Projecto de instrucções para o seu uso

Ao sr. capitão Luiz Mariano P. de Andrade devem os leitores desta Revista o trabalho que se segue, relativamente ao nosso fuzil regulamentar.

Elle constitue um precioso serviço prestado aos nossos camaradas e apparece com uma oportunidade que não é preciso pôr em evidencia.

O presente trabalho, apresentado como relatorio por esse official e pelo 1. Tenente Duarte Pinto, ao Chefe da Commissão de Compras na Europa, consta de duas partes.

A primeira é um projecto de instrucções para o uso do fuzil, as quaes por não se acharem regulamentadas tiveram de ser organisadas pelos auctores, aproveitando estes não só as antigas instrucções do anterior modelo, estabelecidas pela extincta Commissão T. Militar Consultiva, como ainda a propria experiencia e as monographias congeneres em vigor nos exercitos francez e allemão.

Para as figuras explicativas imprescindiveis á elucidação do texto, foi aproveitada a prancha que serve de base á instrucção do fuzil allemão, cujas affinidades com o nosso são muito estreitas, e organisados outros desenhos complementares.

A prancha adaptada ao nosso fusil já foi aproveitada, como se sabe, e tornada pelo sr. Ministro da Guerra accessivel por indemnisação a quantos a queiram adquirir. Desta prancha nós publicaremos uma redução.

A parte do projecto que trata da conservação e limpeza da arma foi a que, pela sua grande importancia, absorveu os maiores cuidados da commissão que procurou fazer uma transplantação racional do que se pratica principalmente nos modelares exercitos allemão e francez.

A este respeito veja-se a nossa Revista de n. 19, que trata com detalhes do assumpto e do apparelho que o sr. capitão Mariano submetteu á consideração de nossas autoridades. Mas, ao voltar ao assumpto, nós teremos occasião de reproduzir em nossas paginas as palavras contidas, a proposito, no relatorio.

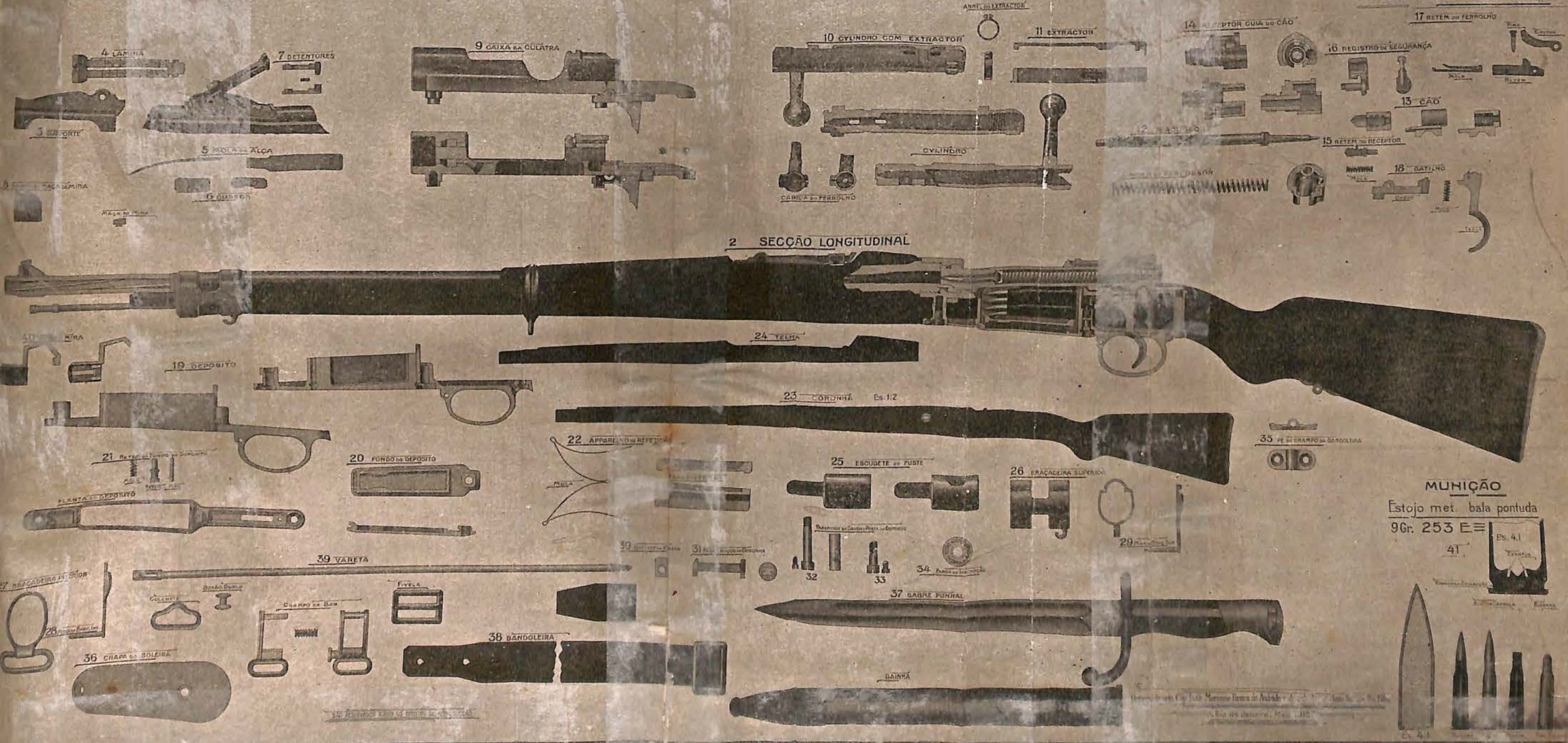


— Fucil Mauser — Mod. 1908 Cal. 7<sup>m</sup>/<sub>n</sub> "S"

Prancha para Instrucção

TAMBEM PODE SER CHAMADO

(1)  
P





## CAPITULO I

Descrição e nomenclatura do fusil,  
dos accessorios e da munição

## DIVISÃO GERAL

1 — O fusil Mauser regulamentar mod. 1908 é uma arma de repetição, de 7 m/m de calibre e deposito na culatra com capacidade para cinco cartuchos. Atira a bala pontuda e é municiado pelo systema de lamina carregadora.

Compreheende sete partes principaes a saber:

Cano e aparelho de pontaria;

Caixa da culatra;

Mecanismo da culatra;

Mecanismo de repetição;

Coronha e telha;

Guarnições;

Sabre-punhal.

A cada fusil pertence ainda um certo numero de accessorios.

## § 1 — Cano e aparelho de pontaria (Prancha I)

## CANO

2 — O cano (fig. 1) é um tubo inteiriço de aço, constituido por uma successão de trechos de forma exterior cylindrica ou cylindro-conica, denominados *secções*: *secção anterior*, *secção media-anterior*, *secção media-posterior* e *secção posterior* ou *culatra*. Destina-se a receber o cartucho e guiar o projectil, transformando a impulsão da carga em um movimento combinado de translação e rotação.

Superficies de adoçamento ligam entre si as diferentes secções, as quaes, de comprimentos variaveis, divergem ainda quanto ás espessuras, estabelecidas de modo a ser garantida em cada ponto a conveniente resistencia, sem excesso de materia.

3 — A secção media-posterior offerece, proximo á culatra, uma porção perfeitamente cylindrica, em que se adapta o suporte da alça, e diminue regularmente de diametro a partir d'ahi para a frente até a junção com a secção media-anterior.

4 — Na primeira secção do cano ou secção anterior está fixado o dispositivo da maça de mira.

5 — A culatra forma no cano um reforço particular, destinada que é a supportar immediatamente o effeito da deflagração da polvora,ahi mais energico que em qualquer outro ponto. Caracteriza-se por ser mais curta que as demais secções, apresenta em seu terço médio-posterior um rebordo circular saliente, a *faixa da culatra*, de encontro ao qual se apoia a caixa, e termina por uma parte filetada, a *rosca do cano*, para o tarrachamento áquella peça.

6 — O vasio interno do cano denomina-se *alma*, e os orificios extremos de sahida do projectil e admissão do cartucho, *boca da arma* e *abertura da culatra*, respectivamente.

7 — Na alma ha a distinguir a *parte raiada* a parte não raiada ou *camara*.

A primeira abrange a quasi totalidade do cano e tira seu nome dos quatro sulcos ou estrias helicoidaes-as *raias* (fig. 2, d) que a percorrem, girando da esquerda para a direita em torno do eixo da peça ou *eixo da alma*, com o qual guardam uma inclinação constante. Ellas executam exactamente tres voltas e servem para communi-

car ao projectil o movimento rotatorio neccessario á sua estabilização no ar.

A distancia correspondente a uma volta medida sobre a geratriz do cano, dá o *passo* da raia.

Entre as raias, com ellas alternando acham-se os *cheios* (fig. 2, e) cujo numero é, portanto, igual ao d'aquellas.

Chama-se *fundo* a porção escavada das raias concentrica á alma. *Flancos* são as superficies lateraes inclinadas que as limitam com os cheios.

O diametro tomado entre dois cheios mede o *calibre*, e a differença entre o diametro do projectil e o calibre, o *forçamento*.

Nas immediações da camara os cheios se abaixam gradualmente até a profundidade das raias, de maneira a facilitar a entrada do projectil.

8 — A camara (fig. 2, a) é o alojamento do cartucho, constando, portanto do *alojamento do estojo* e do *alojamento do projectil*. O alojamento do estojo corresponde exactamente ás formas exteriores d'este, o do projectil affecta uma forma ligeiramente tronco-conica e lhe serve de passagem á introduccção nas raias.

O percurso que o projectil effectua assim, livremente, antes de soffrer a acção do raizamento, denomina-se *espaço não forçado*. (1)

Separando o alojamento do estojo do do projectil, ha na camara um pequeno resalto que limita a admissão do cartucho.

## APARELHO DE PONTARIA

9 — O aparelho de pontaria consta da *alça* e da *maça de mira*, e serve para dar ao cano, a que está intimamente ligado, a inclinação favoravel ao tiro, segundo a distancia do alvo.

## Alça de mira

10 — A alça de mira comprehende: o *supporte*, a *lamina*, a *mola* e o *cursor*.

11 — O suporte (fig. 3), soldado ao cano, junto á culatra, compõe-se de um tubo encimado por dois montantes paralelos cujas superficies curvas superiores fornecem as *guias do cursor*. Os montantes terminam anteriormente em duas *orelhas* munidas de furos para as mangas de articulação da lamina, e do lado opposto em dois rebaixos horizontaes que deixam livre o cursor na posição da alça natural. O espaço comprehendido entre elles forma o *alojamento da mola*.

A' retaguarda do tubo e limitando-o d'esse lado dispõe-se transversalmente um resalto que serve de apoio á lamina em seu rebatimento, denomina-se por isso *batente da lamina*.

Para prevenir o caso de fusão da solda e evitar deslocamentos, é ainda o suporte fixado ao cano por um parafuso, que consolida a ligação das duas partes.

12 — A lamina (fig. 4), forma charneira com o suporte, articulando-se, na altura do pé ou *talão*, por meio de dois pequenos appendices ou

(1) — Considerações de caracter technico determinam a existencia do *espaço não forçado*. (Freigeschossweg, em allemão, ou, literalmente, *caminho livre do projectil*): augmento da pressão maxima dada pelas modernas polvoras progressivas e situação, em relação á culatra, do ponto em que ella exerce.

Elle entende ao mesmo tempo com as condições de segurança de arma e o modo de conducta do projectil. Attendendo as tolerancias limites de fabricacão admittidas nas dimensões combinadas do projectil e seu alojamento, terá elle que percorrer antes de forçado, uma extensão variavel de  $9 \text{ a } 9 + 3 \text{ m/m}$ .



mangas, nas orelhas dos montantes, isso chamadas orelhas da charneira da alça. Um pino de segurança atravessa o talão, excedendo um pouco as mangas, de um e de outro lado.

13 — As particularidades que interessa conhecer, na lamina, são: o *entalhe de mira*, a *gradação* com as *linhas de fé*, e os *engrazadores*.

O *entalhe de mira* é o corte triangular praticado superiormente na parte da lamina opposta ao pé, e pelo qual se faz a visada.

A *gradação* acha-se inscripta na face superior e comprehende duas series de numeros, impares e pares, separados uns dos outros por pequenos traços de referencia ou *linhas de fé*, que indicam a posição a dar ao cursor para apontar a arma até 2.000 m. Os numeros impares grupam-se á direita, os pares á esquerda.

Série impar: 3, 5, 7, 9, 11, 13, 15, 17, 19.  
Série par: 4, 6, 8, 10, 12, 14, 16, 18, 20.

Os *engrazadores* são pequenos côrtes verticaes, parallelos e de igual espaçamento, abertos de um e outro lado, ao longo da lamina. Servem para fixar o cursor nas differentes alturas da alça.

14 — A *mola da alça* (fig 5) prende-se pelo rebordo afilado de uma de suas extremidades a uma ranhura praticada no alojamento respectivo, entremontantes, e é livre na extremidade opposta, pela qual tende constantemente a manter a lamina abaixada, premindo-a pelo talão.

O pequeno rebaixo que se nota em sua face superior tem por fim permittir ajustal-a em seu alojamento ou d'elle retirar-a em caso de ruptura ou funcionamento irregular.

15 — O *cursor* (fig. 6) é uma pequena peça movel na lamina, ao longo da qual desliza para, apoiado nos montantes, dar ao entalhe de mira a altura correspondente á distancia de tiro. E' constituido por um *corpo*, fendido no sentido da menor dimensão para dar passagem á lamina, dois *detentores* (fig. 7) e duas pequenas molas em hélice, que a estes accionam.

Formam os detentores duas hastes ligeiramente curvas, terminadas em um extremo por uma cabeça e no outro por um dente de forma apropriada á dos engrasadores.

As cabeças dos detentores, serrilhadas, para evitar o escorregamento dos dedos e as molas alojam-se em cavidades proprias praticadas de ambos os lados do corpo do cursor.

16 — A manobra da alça reduz-se á do cursor.

Assignalada a distancia, para obter a altura de alça respectiva, primem-se com o polegar e o indicador direitos as cabeças dos detentores com o que as molas se contraem e os dentes fogem dos engrasadores, e move-se com o cursor num ou noutro sentido até fazer coincidir seu bordo anterior com a linha de fé do numero representativo da distancia, tendo o cuidado de observar que a linha de fé de um numero é a que se acha *immediatamente abaixo d'elle*.

17 — A successão dos numeros nas duas séries da lamina, indica estar a alça graduada para distancias de 100 em 100 m. Para ter a altura da alça relativa a uma distancia intermediaria, levase o cursor ao menor dos numeros entre os quaes a distancia está comprehendida, avançando-o em seguida de uma quantidade, que se estima a olho, igual á metade do intervallo que o separa do

numero immediatamente superior ao primeiro na série opposta. (1)

18 — A alça minima inicial ou *alça de ponto em branco* (300 m.) corresponde á posição limite do cursor á retaguarda, isto é, á lamina deitada.

19 — Entre as posições extremas dadas pelos limites da gradação, gira a lamina de um arco de circulo de 24°, o que faz entrar a alça descripta na categoria das alças de quadrante.

### Maça de mira

20 — A maça de mira (fig. 2, b), pequeno resalto de secção triangular, munido de um *pé*, é solidaria com um dispositivo que lhe serve de suporte, nas proximidades da boca. Consiste tal dispositivo em uma peça inteiriça (fig. 8) formada por um anel, soldado ao cano, e um prisma ou *embasamento* da maça de mira, que nelle se encaixa pelo pé. Na parte voltada para o atirador, é o embasamento talhado em rampa, com o que não haverá interceptação da visada e, para evitar efeitos de luz prejudiciaes á pontaria, são as peças todas despolidas.

Como para a alça, um pequeno parafuso de fixação (fig. 2, c), ligando o embasamento e o anel ao cano, mantém a inalterabilidade do conjunto numa eventualidade de fusão da solda.

21 — A aresta superior da maça de mira fornece em sua parte mais elevada um ponto pelo qual deve passar o raio visual que o atirador dirige pelo meio do entalhe da lamina ao apontar a arma: é o *ponto ou vertice de mira*. A linha assim determinada e prolongada até o alvo, denomina-se *linha de mira* ou *linha de visada do atirador*.

### § 2 — Caixa da culatra PRANCHA I

22 — A caixa da culatra (fig. 9), representa o papel de intermediario na ligação das differentes partes constitutivas da arma. Ajusta-se ao cano, por atarrachamento, recebe a totalidade dos mecanismos, e presta-se a fixar o conjunto na coronha.

Divide-se em *parte anterior*, *corpo*, *parte posterior* ou *ponte*, e *cauda*.

23 — A *parte anterior* acha-se inteiramente organizada em vista do fechamento da culatra em que é directamente interessada. Formas interiores: *porca do cano*, *alojamento dos travadores*, *contra-ortes*, *rampa de accesso do cartucho*.

Externamente: *resalto de transmissão do recuo*, *porca do parafuso da ponta do depósito*.

*Porca do cano* (fig. 9). Extende-se á metade anterior para receber o cano pela rosca correspondente da extremidade da culatra.

*Alojamento dos travadores* (fig. 9, b). Cavidade circular em que trabalham os travadores da cabeça do forrolho. E' provido de duas rampas helicoidaes que facilitam o giro dos travadores nos movimentos de abrir e fechar a culatra.

*Contra-ortes*. São as duas paredes, uma superior e outra inferior, do alojamento dos travadores, de encontro ás quaes estes se escoram para resistir ao desculatramento.

*Rampa de accesso do cartucho*, (fig. 9, c). Superfície inclinada para o lado do depósito, destinada a facilitar a introdução do cartucho na

(1) — A antiga alça do fusil allemão era a este respeito muito mais completa. O meio dos intervallos de 100 m. era assignalado por um traço curto, sem numero. Os engrasadores eram além disso, dispostos para dist. de 50 em 50.



(I) — Parece-nos apropriado conservar este qualificativo para parte posterior da caixa da culatra, não só porque elle lembra a de seus attributos—servir de passagem a cabeça do ferrolho— como para manter o accordo com a designação franceza de pont de culasse e a allemã de Hülsenbrücke.

(Continued)

No que se segue muitas opiniões alheias são apresentadas e transcritas. Não se deve estranhar que assim proceda quem, como eu, está convencido das verdades que avança, mas, por



falta de autoridade, necessita do apoio de especialistas para justificar o seu modo de pensar e a sua orientação sobre o assumpto e dar-lhes o valor que, sem esse poderoso arrimo, não teriam.

E' natural, pois, que eu me procure abrigar sob a égide de homens reconhecidamente mestres na questão, afim de levar a convicção aos que me lerem, tanto mais que julgo o assumpto de excepcional relevancia e que, no meu modo de pensar de sempre, entendo que o amor á criação do cavallo nacional forte e veloz, robusto e sadio, sobrio e rustico, está intimamente ligado ao amor á patria.

Para tornar mais methodica a leitura deste pequeno estudo e talvez menos fastidiosa, dividi-o em sete capitulos. No 1º, procuro definir o que é o *cavallo de guerra*; no 2º, indico detalhadamente a conformação que deve ter o typo superior do cavallo; no 3º, tento explicar o que significa a expressão *sangue* com relação ao cavallo; no 4º, dou idéa dos reproductores de puro sangue, arabe, inglez e anglo-arabe; no 5º, investigo a origem das nossas eguas e chego á conclusão de que descendem do arabe; no 6º, trato da escolha dos reproductores, indicando os que devemos preferir e o resultado a que chegaremos, conseguindo o «anglo-arabe nacional» e, no 7º, finalmente, estudo a união dos reproductores, em vista do *sangue* que deverão ter os productos e o modo pelo qual deverão estes ser criados.

**I. — Cavallo de guerra** — O *cavallo de guerra* não é, como podem suppôr aquelles que desconhecem a expressão, um animal destinado unicamente a servir nos exercitos e criado para afrontar o fogo e os perigos das batalhas. Longe disso, o *cavallo de guerra* nada tem de bellicoso e pôde prestar ao mais pacato dos lavradores inestimaveis serviços, quer como animal de sella, quer como de tiro leve. O que a expressão *cavallo de guerra* significa é que o animal, a que ella se refere, é capaz de servir na guerra e, portanto, é apto a effectuar os mais arduos e pesados trabalhos, taes como longas marchas, galopes forçados, saltos de vallos e cercas, travessias de rios a nado, etc., soffrendo muitas vezes fome e sede, e resistindo sem se abater ás intemperies, apezar de carregar 75 kilos no minino, ou de arrastar a galope, morro acima, pesados trens de artilharia.

Esse animal deve, pois, ser dotado de innumeras qualidades physicas e moraes, como saúde, robustez, velocidade, força, rusticidade, sobriedade, mansidão, docilidade, vivacidade, intelligencia, *endurance*, etc. E', portanto, um animal superior e, desde que pôde prestar os pesadissimos serviços exigidos pelos exercitos, em tempo de guerra, com mais forte razão pôde prestar os que, em tempo de paz, são requeridos por qualquer civil.

O *cavallo de guerra* é, como se vê, um cavallo ideal, cuja criação se impõe entre nós, como se tem imposto em outros paizes, onde ella se acha hoje vantajosamente adiantada, com o typo escolhido e assentado.

Esse typo pôde variar em altura e corpulencia, mas obedece sempre a determinadas condições de construcção, de equilibrio e de proporções entre as diversas partes componentes, porque, como diz Gayot: (1) «O cavallo é um mo-

tor vivo, isto é, uma machina organizada, que busca suas forças na sua origem e na sua estrutura, que as renova pela alimentação, e cujas aptidões são applicadas á satisfação das necessidades do homem.

O effeito util de um motor depende das condições que lhe são proprias, ou, por outras palavras, da natureza dos materiaes que o constituem e do seu modo de agir.»

Variando o effeito util do motor com a natureza dos materiaes e com o modo de funcionamento das diversas peças, segue-se que existe um typo que é o superior, isto é, o que produz mais effeito util. Esse typo é o do *cavallo de guerra*, no qual o systema osseo deve ter a resistencia precisa e a disposição mais adequada á força, á velocidade e á durabilidade.

Nesse animal bem equilibrado, nesse motor bem construido, «as engrenagens se adaptam bem umas ás outras e, se elle fôr animado por um systema nervoso sufficientemente capaz, seus movimentos serão faceis e elle fornecerá com facilidade grande somma de trabalho, ao passo que um outro, desequilibrado, se fatigará mais. Este terá os movimentos menos faceis; em pouco tempo estará desconjuntado e ficará imprestavel prematuramente.» (1)

Definido o que é o *cavallo de guerra*, que constitue o typo superior, vejamos detalhadamente como deve ser elle construido, de fórma a poder produzir o maximo do effeito util.

**II. — O typo superior — Cabeça** — A cabeça, cuja conformação é, muitas vezes, o indicio da raça a que pertence o animal, deve ser bonita e expressiva, para o que será descarnada, com a testa larga e os olhos grandes, bem abertos, vivos e de olhar franco e intelligente. Sua direcção com o sólo será approximadamente de 45°. As orelhas deverão ser pequenas, moveis, bem plantadas e convergentes. O chanfro deverá ser largo, como a testa, e direito, de fórma a não reduzir a amplitude das fossas nasaes. As ventas deverão ser bem abertas, dilatando-se facilmente. A nuca tambem deverá ser larga. Ao contrario, o focinho será pequeno e de beiços rijos.

**Pescoço** — Deverá ser comprido, ligeiramente arqueado, com a convexidade para cima, ou direito, formando com a horizontal um angulo de cerca de 45°.

**Cernelha** — Sendo bem destacada, impede que o sellim corra para a frente e dá á cabeça uma posição elevada e graciosa.

**Dorso** — Deve ser curto e horizontal, para bem supportar o peso do cavalleiro. Essa linha pôde ser comparada á de uma barra, com as duas extremidades apoiadas. Quanto mais afastados forem os pontos de apoio, mais cederá ella ao peso e menos resistencia offerecerá. Eis sobre este ponto importante a opinião do Coronel Basserie (2): «Se o cavallo tem o dorso curto e a região dos rins musculosa, tudo se lhe torna facil. Vigoroso nas subidas e firme nas descidas, se trota, parece que seus pés apenas tocam o solo... Mesmo defeituoso dos membros, elle não cae; os musculos da região dos rins o contêm, se elle commette uma falta.

Mas se, mesmo possuindo as outras excellentes condições de pernas, palhetas, ancas, pei-

(1) *Achat du cheval* — Eugène Gayot.

(1) *Le meilleur modèle* — A. Boitelle.

(2) *Le cheval comme il faut*. — Coronel Basserie.



to, pescoço, etc., o animal, cavallo ou egua, tiver o dorso longo ou fôr sellado e a região dos rins estreita, entre os dous flancos, elle não servirá para o trabalho pesado, nem da sella, nem do fôr. Fraco nas subidas, as descidas lhe serão um supplicio. Se tropeça, os musculos da garupa, muito afastados das palhetas, são incapazes de sustentar, e o animal se levanta coroadado (*couronné*) (1). Se, entretanto, elle fôr dotado de bastante energia para evitar esse desastre, nem por isso deixará de ficar imprestavel, dentro de pouco tempo.

Montado, o cavallo de dorso comprido não tem andares. Seus movimentos são vagarosos, pesados, sacudidos e incommodos ao cavalleiro.

**Garupa** — Deve ser comprida, musculosa, larga, cheia e formando com a horizontal um angulo não superior a 28°, por isso que, quanto menos aberto fôr o angulo, melhor será a conformação do animal, em relação á velocidade.

«Nos grandes corredores de galope compassado e demorado (os *stayers*) encontra-se a garupa inclinada entre 25° e 28°. E' essa a boa inclinação média; ella approxima-se da horizontal em grande numero de *flyers* e em especialistas do *trotting*.» (2)

**Cauda** — De inserção alta, deve ser abundante de pellos sedosos e offerecer resistencia, quando se pretender levantá-la; portanto, sendo a força muscular a mesma em todo o systema do animal, desde que a cauda se apresente musculosa, é porque igualmente todo o organismo o é.

(Continúa)

(1) De joelhos esfolados.

(2) *Traité d'Hippologie*. — J. Jacoulet et C. Chomel.

## Do Contestado

### Observações colhidas nas operações da columna sul (\*)

18 — Materiaes de toda a especie

#### (Conclusão)

**Material de sapa** — O material de sapa da infantaria principalmente destinado para fortificação de campo de batalha, difficilmente poderá ser assim empregado na guerra dos sertões.

Graças a sua portatibilidade, constituiu um recurso que se tinha sempre á mão para execução dos pequenos trabalhos de acampamento e mesmo, quando tempo permitia, de ligeiras obras de fortificação.

Todos os demais serviços dessa natureza exigiam um material de sapa mais forte, e portanto mais pesado, que em expedição desta natureza, não deve deixar de acompanhar as tropas. Um batalhão de infantaria quando operar isoladamente necessita pelo menos de 100 ferramentas (40 a 50 pás, 20 a 25 alviões, 20 foices, 10 machados e 10 enxadas) para poder executar sem o auxilio de tropas technicas, reparações de caminhos, construcção de estivados e pontilhões, movimentos de terra, etc.

(\*) Publicação autorisada pelo Sr. coronel Francisco Raul d'Estillac Leal.

**Marmitas thermicas** — Se fosse possível contar sempre com estradas carroçaveis, o carro-cosinha, puxado a dois animaes, devia fazer parte integrante do trem de combate dos batalhões de infantaria e unidades correspondentes das outras armas. A marmita thermica, cujo transporte se faz em cargueiros, torna-se entretanto entre nós mais util, pela sua adaptação a todos os casos. Um par de marmitas, contendo 100 rações, constitue a carga de um muar, que pode assim transportar a refeição de uma companhia. Sempre adoptei como regra, para maior variedade da alimentação, attribuir dois pares de marmitas thermicas a cada uma destas unidades. Um cosido de carne e o café, preparado de manhã no acampamento, era servido ás praças no primeiro alto, ainda quente.

Foi este um recurso muito valioso nas minhas marchas, sendo apenas de lamentar que todos os corpos não dispuzessem igualmente do mesmo.

**Arreiamento** — O emprego do arreiamento na arma de infantaria se restringindo em geral ás marchas, e sendo esta a única arma que na columna do sul se achava dotada do novo modelo de arreiamento não posso firmar sobre este juizo definitivo. Acredito, porém, pelo que me foi dado observar, que o referido arreiamento com ligeiras modificações, se tornará invejavel relativamente áquelles que temos utilizado até agora, em que peze á grita dos seus adversarios.

Muitos defeitos que alguns officiaes conclamam se encontrarem nelle, me pareceu mais resultante de uma confecção essencialmente má e do emprego de um material de qualidade condemnavel do que do systema propriamente. Aliás se assim não fosse, não é de crer que a cavallaria de um grande exercito, como o francez, com a experiencia de continuadas campanha em suas colonias e varias outras demonstraões praticas, persistisse no erro do seu emprego.

A par de uma boa esthetica, o arreiamento em questão apresenta tambem a grande vantagem de ser muito commodo, em comparação com o que temos possuido até a presente data.

Os únicos defeitos que nos permittiram observar nelle as marchas que fizemos, empregando-o, resumem-se em tres.

Para as marchas atravez de uma região essencialmente montanhosa, como a que tivemos de atravessar no transcurso desta campanha o primeiro defeito que encontrei no novo modelo de arreiamento foi a falta de uma peça qualquer, como a cincha, por exemplo, que não permittisse o deslissamento da sella sobre a cernelha do animal.

Esta falta que já se revelava nos terrenos mais ou menos planos, avultava sobremodo nas descidas de serra, trazendo como consequencia a necessidade da reconducção da sella para o seu verdadeiro logar.

Outro defeito que nos foi dado observar, no novo arreiamento consiste na inexistencia de um dispositivo qualquer que mantenha a manta em sua verdadeira posição. Da falta deste dispositivo resulta que a manta, seja o terreno dobrado ou plano, vae pouco a pouco deslissando para a retaguarda e não tarda que fique completamente assentada na garupa do animal, facto este que vimos frequentemente reproduzido.

O terceiro defeito, finalmente, que encontrei no nosso novo arreiamento consiste no systema



de aprisionamento da cilha. Acho muito mais pratico o emprego de lategos lisos, usado no nosso antigo arreadamento, do que o dos lategos com furos para o afivelamento, porquanto partido um destes lategos o seu concerto ou substituição só poderão ser feitos por um profissional.

**Cangalhas** — As denominadas cangalhas militares fornecidas aos pelotões de trem produziram taes ferimentos logo no seu primeiro dia de uso nos garrotes e flancos dos animais de carga, que foi necessario abandonar-as e substituil-as pelo typo "Caboclo" usado pelos tropeiros civis. Acho que se deve com os subsidios fornecidos pela experiencia da presente campanha confeccionar um typo em que se remova os defeitos observados.

A meu ver o defeito principal dessas cangalhas é que ellas não são fabricadas para o typo médio do nosso muar, e em vez de se adaptar a cangalha ao animal se quer forçadamente adaptar o animal á cangalha.

Tive no entretanto occasião de observar que as cangalhas usadas pela nossa artilharia de montanha se adaptam perfeitamente aos nossos muarres não produzindo o máo trato dos outros, e se prestam também ao transporte de cargas, permitindo assim á secção de montanha que fez parte da minha columna, utilizar para seu abastecimento, os animais e arreadamentos proprios, durante o tempo em que esteve inactiva.

As cangalhas e arreios adoptados para o transporte das metralhadoras suggeriram ao aspirante João Pereira de Oliveira, as observações seguintes:

a) **cangalhas** — Quer os suadouros, quer a armação de ferro das cangalhas destinadas ao transporte das nossas metralhadoras e material correspondente, apresentam certas falhas que poderão ser facilmente remediadas.

O grande defeito dos suadouros das nossas cangalhas consiste nas suas exageradas dimensões. Para tornal-os, com effeito perfeitamente adaptaveis ao dorso do nosso solipede de carga, que é o muar, em geral pequeno, torna-se inadiavel que os diminuamos. Aliás, não era mister esta campanha para que eu ficasse absolutamente certo de que os suadouros das nossas cangalhas são mais apropriadas aos grandes solipedes europeus do que aos nossos muarres, porquanto eu disto já me havia convencido em quatro annos de intensivos exercicios e manobras continuadas nas companhias de metralhadoras em que tenho servido como instructor.

Com relação á armação de ferro das cangalhas, penso que a articulação dos arçõs deveria permitir maior fechamento das chapas, em primeiro lugar. Em segundo lugar, entendo que a extremidade inferior dos ramos dos referidos arçõs deveria facultar mais ampla approximação dos ramos dos estribos das abas dos suadouros, afim de evitar que um dos costados da carga tenda a ultrapassar a linha do dorso do animal, isto é, afim de evitar que a carga vire, como se diz em linguagem vulgar, facto este que tenho tido occasião de observar, principalmente quando a cilha não se encontra perfeitamente apertada e um dos costados da carga é mais pesado do que o outro, como acontece ao consumir-se a munição contida em uma unica fita-cartucheira.

b) **arreios** — Os nossos arreios se resentem dos mesmos exageros de dimensões dos suadouros das cangalhas. A *retranca* e o *peitoral*, com

especialidade, são excessivamente grandes. Os nossos muarres em geral, não por este motivo, prestar os serviços que são proprios, sem uma necessaria diminuição de corte, como tive ensejo de proceder na panhia de metralhadoras.

Por outro lado, a existencia entre elles de uma unica cilha não me parece justificavel, pelo emprego de uma unica cilha, sobretudo na região essencialmente montanhosa como a tivemos de percorrer durante toda esta campanha, offerece o gravissimo inconveniente de facilitar o deslize da cangalha sobre a cernelha do animal, dando lugar a um grave embaraço á marcha deste.

A primeira vista pôde parecer conveniente será facilmente removida, e portanto, sufficientemente a retranca e o rabicho; não é justo lançar-se mão deste expediente, quando de uma grande tensão do rabicho resultará necessariamente apisoamento do animal, com consequencia do atrito forte e consequente excessiva tensão da retranca resultando em apisoamento, senão também entrave dos membros posteriores do cargueiro.

E' mister, por consequencia, e os inconvenientes apontados, aceitar antes o emprego de duas cilhas, ligadas por um dispositivo qualquer.

A primeira, auxiliada pelo peitoral, servindo o papel de não permitir que deslize para a retaguarda, nas subidas ligeiramente auxiliada pela retranca, o papel de impedir que a cangalha para a cernelha do animal, nas descidas.

Com a applicação desse systema, pôde assegurar a perfeita conservação da cangalha, seu verdadeiro lugar, pois é com o systema ou menos analogo que tive occasião de nossos tropeiros atravessarem montanhas sem a preocupação fadigosa de estar a momento normalizando a collocação das cangalhas.

Relativamente á maneira como deverão presas as cilhas, sou antes partidario do emprego das *guascas* utilizadas no nosso antigo arreadamento de cavallaria, do que das *correias ponta e fivela*, usadas no nosso arreadamento de metralhadoras. Quando outras razões não corressem para que assim pensasse, bastaria de poderem ser as guascas confeccionadas, qualquer pessoa, o que não acontece com as correias referidas, que requerem para sua feccão a proficiencia de um corrieiro.

c) **manta** — A inexistencia de uma manta no nosso arreadamento de metralhadoras me parece uma grave falta que não encontra motivo que a justifique. O contacto directo dos suadouros o lombo do cargueiro, acarretará com resultado inevitavel, no minimo um forte endurecimento do enchimento dos referidos suadouros. Este endurecimento provirá principalmente de embebedamento do enchimento em questão do suor do animal, as mais das vezes accrescido da poeira que encontra sob os pellos deste, quando os conductores se descuidam de rasqueal-o e convenientemente, o que será muito mais bastando para isso que o official, passar uma revista antes das marchas.

Não é licito objectar que a manta, vez, poderá ficar endurecida com o suor, porquanto a sua limpeza pôde

se paentido, a limitação será se não for a cangalha.

elles não se justificavel, pelo emprego de uma unica cilha, sobretudo na região essencialmente montanhosa como a tivemos de percorrer durante toda esta campanha, offerece o gravissimo inconveniente de facilitar o deslize da cangalha sobre a cernelha do animal, dando lugar a um grave embaraço á marcha deste.

estes escudados, e portanto, sufficientemente a retranca e o rabicho; não é justo lançar-se mão deste expediente, quando de uma grande tensão do rabicho resultará necessariamente apisoamento do animal, com consequencia do atrito forte e consequente excessiva tensão da retranca resultando em apisoamento, senão também entrave dos membros posteriores do cargueiro.

estes escudados, e portanto, sufficientemente a retranca e o rabicho; não é justo lançar-se mão deste expediente, quando de uma grande tensão do rabicho resultará necessariamente apisoamento do animal, com consequencia do atrito forte e consequente excessiva tensão da retranca resultando em apisoamento, senão também entrave dos membros posteriores do cargueiro.

esta doutrina de guerra contida nos nossos regulamentos, e a elevação necessarios, para que o estudo do assumpto não desça ao ataque individual, e a pretexto de critica, não se exponham camaradas ou superiores ao ridiculo e ao motejo.

Como exemplo recente do esquecimento desses principios pode-se citar a publicação de uma conferencia feita em um quartel, e na qual a critica de um regulamento não conservou o caracter impessoal que convinha; e mais recentemente um artigo da revista *Defeza Nacional* sob o titulo — exames de batalhão — em que seu autor, socorrendo-se do humorismo, procurou expor ao ridiculo não só as autoridades como os proprios officiaes dos batalhões que se apresentaram para exame de evoluções de suas unidades.

Declarai pois em boletim do Exercito que eu chamo a attenção dos officiaes para as disposições do art. 431 do regulamento acima citado, e especialmente para seus §§ 11 e 12, sendo dignos de severa censura os officiaes que constituem a redacção da revista citada que não devião permittir a inserção de tão inconveniente artigo.

Saude e fraternidade. — José Caetano de Faria.

«Em resposta ao meu officio n. 435, de 17 do corrente, acaba o Sr. general commandante da 3ª brigada de artilharia de enviar-me as declarações feitas pelos capitão Epaminondas de Lima e Silva e primeiros tenentes Bertholdo Klinger e José Pompeu de Albuquerque Cavalcanti, respondendo-se pelo artigo publicado no ultimo numero da revista militar *A Defeza Nacional*, sob o titulo «Exames de batalhão», como redactores, que são, da alludida revista.

Já alguns jornaes desta capital, em noticia que não foi contestada, tornaram publico declaração identica e accrescentaram que os redactores responsaveis, como solidarios que eram, não divulgariam o nome do autor do artigo.

Na classe militar uma tal manifestação de solidariedade e tão affrontosa declaração de participação collectiva na responsabilidade, partindo de officiaes, constitue, só por si, acto da mais alta indisciplina e de maior insubordinação

os proprios conductores, emquanto do enchimento dos suadouros só ita, e com muita demora, por um

ra escripturação de campanha — No ao perder tempo, de não distrahir pessoal combatente, e ao mesmo prejudicar no futuro o historico das operações, é preciso prover aos quartéis-generaes destacamentos, e o estado maior dos corpos de ordens do Estado-Maior, e bloks folhas picotadas para as ordens de movimentos, combates, communicações, etc. Esses bloks devem ser acompanhados de papel carbono para que todas as s a lapis fiquem devidamente revendo também imprimir os dizeres a cada quartel-general, serviço auxiliar de tropa.

Com papel de desenho para o croquis na escala de 1/25.000 que devem acompanhar todos os partes de combate, podem ser acompanhados os bloks de 0m,26 x 0m,20 de 1cm<sup>2</sup>, em cujas margens de ficar espaço reservado para a logar, data e assignatura do official.

**Relação entre a doutrina dos regulamentos e theatro de operações**

A doutrina de guerra contida nos nossos regulamentos, e a elevação necessarios, para que o estudo do assumpto não desça ao ataque individual, e a pretexto de critica, não se exponham camaradas ou superiores ao ridiculo e ao motejo. Como exemplo recente do esquecimento desses principios pode-se citar a publicação de uma conferencia feita em um quartel, e na qual a critica de um regulamento não conservou o caracter impessoal que convinha; e mais recentemente um artigo da revista *Defeza Nacional* sob o titulo — exames de batalhão — em que seu autor, socorrendo-se do humorismo, procurou expor ao ridiculo não só as autoridades como os proprios officiaes dos batalhões que se apresentaram para exame de evoluções de suas unidades.

Declarai pois em boletim do Exercito que eu chamo a attenção dos officiaes para as disposições do art. 431 do regulamento acima citado, e especialmente para seus §§ 11 e 12, sendo dignos de severa censura os officiaes que constituem a redacção da revista citada que não devião permittir a inserção de tão inconveniente artigo.

Saude e fraternidade. — José Caetano de Faria.

«Em resposta ao meu officio n. 435, de 17 do corrente, acaba o Sr. general commandante da 3ª brigada de artilharia de enviar-me as declarações feitas pelos capitão Epaminondas de Lima e Silva e primeiros tenentes Bertholdo Klinger e José Pompeu de Albuquerque Cavalcanti, respondendo-se pelo artigo publicado no ultimo numero da revista militar *A Defeza Nacional*, sob o titulo «Exames de batalhão», como redactores, que são, da alludida revista.

Já alguns jornaes desta capital, em noticia que não foi contestada, tornaram publico declaração identica e accrescentaram que os redactores responsaveis, como solidarios que eram, não divulgariam o nome do autor do artigo.

Na classe militar uma tal manifestação de solidariedade e tão affrontosa declaração de participação collectiva na responsabilidade, partindo de officiaes, constitue, só por si, acto da mais alta indisciplina e de maior insubordinação

sr. Ministro da Guerra e presos correccionalmente por 25 dias pelo sr. General commandante da 3ª Divisão, conforme tudo foi divulgado em todos os jornaes.

Damos a seguir o aviso do sr. Ministro, a ordem do dia do sr. General e o segundo aviso do sr. Ministro, cancellando o primeiro.

Em 17 de Novembro de 1915. — N. 1591 — Sr. Chefe do Departamento da Guerra:

O regulamento para a instrucção e serviço interno dos corpos estabelece restricções ás publicações pela imprensa, de modo a acautelar não só a disciplina, como o respeito e acatamento que todos os militares devem aos seus superiores e aos seus camaradas.

Se taes restricções não podem ser mantidas na imprensa que admite o anonymato, ou cuja responsabilidade corre por conta de pessoas não sujeitas á disciplina militar, é indispensavel que ellas sejam cuidadosamente observadas nas revistas, jornaes, e outras publicações que se fazem sob a responsabilidade de membros do Exercito.

Isso não impede a analyse e a critica, exigem porem que a linguagem empregada tenha o comedido e a elevação necessarios, para que o estudo do assumpto não desça ao ataque individual, e a pretexto de critica, não se exponham camaradas ou superiores ao ridiculo e ao motejo.

Como exemplo recente do esquecimento desses principios pode-se citar a publicação de uma conferencia feita em um quartel, e na qual a critica de um regulamento não conservou o caracter impessoal que convinha; e mais recentemente um artigo da revista *Defeza Nacional* sob o titulo — exames de batalhão — em que seu autor, socorrendo-se do humorismo, procurou expor ao ridiculo não só as autoridades como os proprios officiaes dos batalhões que se apresentaram para exame de evoluções de suas unidades.

Declarai pois em boletim do Exercito que eu chamo a attenção dos officiaes para as disposições do art. 431 do regulamento acima citado, e especialmente para seus §§ 11 e 12, sendo dignos de severa censura os officiaes que constituem a redacção da revista citada que não devião permittir a inserção de tão inconveniente artigo.

Saude e fraternidade. — José Caetano de Faria.

«Em resposta ao meu officio n. 435, de 17 do corrente, acaba o Sr. general commandante da 3ª brigada de artilharia de enviar-me as declarações feitas pelos capitão Epaminondas de Lima e Silva e primeiros tenentes Bertholdo Klinger e José Pompeu de Albuquerque Cavalcanti, respondendo-se pelo artigo publicado no ultimo numero da revista militar *A Defeza Nacional*, sob o titulo «Exames de batalhão», como redactores, que são, da alludida revista.

Já alguns jornaes desta capital, em noticia que não foi contestada, tornaram publico declaração identica e accrescentaram que os redactores responsaveis, como solidarios que eram, não divulgariam o nome do autor do artigo.

Na classe militar uma tal manifestação de solidariedade e tão affrontosa declaração de participação collectiva na responsabilidade, partindo de officiaes, constitue, só por si, acto da mais alta indisciplina e de maior insubordinação



do que o commettido pelo autor do artigo que em deprimente posição ora é acastellado por tão dignos companheiros.

E' bastante lamentavel que justamente na occasião em que intellectuaes de nossa patria, e os mais ardorosos patriotas de todas as classes se congregam na communhão de esforços pelo levantamento das forças armadas, apresentando-as aos nossos concidadãos, não como um amontoado de individuos de farda, sopitados de desejos e ambições, afastados do convívio da nação, mas sim amantíssimos filhos que, agarrados á bandeira, procuram collaborar para o engrandecimento da patria commum, demonstrando corresponder, assim, aos sacrificios da nação, nunca regateados, tal manifestação collectiva tenha occorrido.

A *Defeza Nacional*, revista de militares, redigida por militares, não tem, todavia, justificado tão suggestivo titulo, nem tão pouco correspondido á expectativa dos que a subsidiam; porque as discussões mais inconvenientes nella têm tido inicio, como ainda ha pouco se viu, e vão terminar na imprensa diaria, com grave prejuizo para a disciplina militar.

Não satisfeitos com tão estereis discussões e as dissensões entre os camaradas, acharam propicio o momento de iniciar a campanha dos insultos soezes, das criticas petulantes e philauciosas e das ironias vis, até contra as mais altas patentes do Exercito, a proposito da instrucção e da administração.

E, como não seja admissivel que factos tão aggressivos fiquem impunes e na impossibilidade de applicar rigoroso castigo ao autor do insolito artigo, determino que sejam os officiaes que se declararam responsaveis, presos por 25 dias, sendo o capitão Lima e Silva, na fortaleza de S. João, 1º tenente Bertholdo Klinger, no 3º grupo de obuzes, e 1º tenente Pompeu Cavalcanti, no 3º regimento de infantaria.

Com a maior segurança affirmo aos meus commandados que empenho os melhores esforços para manter com toda a amplitude a disciplina e justiça proprias á dignidade do cargo que occupo e positivamente não sacrificarei o culto dessas virtudes militares ás attracções da popularidade. — *Pedro Augusto Pinheiro Bittencourt*, general de divisão.»

Ministerio da Guerra. — Rio de Janeiro, 20 de Novembro de 1915. — N. 214 — Sr. Com-mandante da 3ª Divisão:

Em officio n. 427 de 12 do corrente me communicastes a publicação na revista *Defeza Nacional* de um artigo offensivo á disciplina; suppon-do que nem todos os responsaveis pertenciam á Região sob vosso commando, resolvi censural-os severamente em boletim do Exercito, conforme vos communiquei em aviso n. 1591 de 17 do mesmo mez.

Chegou porem ao meu conhecimento que todos os officiaes que compõem a redacção daquelle revista são subordinados á vossa autoridade, pelo que resolvestes prendel-os; estando assim o caso resolvido nos limites de vossas attribuições, não ha razão para qualquer outra punição; por isso resolvi mandar ficar sem effeito o aviso que deveria ser publicado em Boletim do Exercito.

Saude e fraternidade. — *José Caetano de Faria*.

## Sociedade Hippica Brasileira

Com o objectivo principal de concorrer de todos os modos possiveis para desenvolvimento do hippismo no Brazil fundou-se um club nesta capital a 29 de Junho proximo passado, tomando agora nome acima.

A sociedade procurará manter relações com as congengeres nacionaes e estrangeiras, terá representantes nos Estados, creadores, construirá dependencias apropriadas ao ensino e cultivo da equitação, bem como installações adequadas a receber e tratar animaes, organizará exposições de animaes á venda e promove concursos e mais festas hipicas.

E' um programma completo. Seu enunciado dispensa palavras que encareçam a nossos leitores as patrioticas intenções dessa empreza e accentuem sua significação para o desenvolvimento numerico e qualitativo da nossa população cavallar, elemento essencial do nosso poder militar.

## LIVROS RECEBIDOS

*Manual Flavius*, pelo major João Nepomuce da Costa, 1 volume: *Reconhecimento e exploração* para uso dos officiaes inferiores do exercito reserva.

*Artilharia de campanha*, pelo 2º tenente Carlos de Andrade Neves. Idéas geraes sobre o tiro, os fogos, o emprego, a ligação, o terreno a instrucção.

Gratos pela offerta.

## EXPEDIENTE

As circumstancias do mez fizeram antecipar a substituição do nosso prezado companheiro Lima e Silva, como redactor effectivo. No impedimento parcial dos outros dois effectivos, os redactores substitutos acudiram á frente, evitando, como esse numero demonstra, «toda solução de continuidade na publicação e na orientação da revista.» (§ art. 5 dos Estatutos).

\*

Art. 7º dos Estatutos — Aos redactores effectivos cabe a responsabilidade da edição, e collaboradores a das opiniões que emittirem em seus artigos.

\*

Com o n. 26 fizemos a distribuição da *Carta de Griepenkerl* e com este fazemos a duas seguintes (16ª e 17ª).